

CEDI - P.I.B.
DATA 08/09/86
COD. KS/DPL



RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO

OS KAXARARI

Terri Vale de Aquino

JUNHO  
- 1984 -



OS KAXARARI

---

1. Nome

O termo Kaxarari parece não ser a autodenominação do grupo. E não é fácil indicar a sua origem. As primeiras referências a este nome datam do início do século. Em 1910, João Alberto Masô, engenheiro da Comissão de Limites entre o Brasil/Bolívia/Perú, que percorreu o rio Ituxy e o seu afluente Curequeté, utilizou o nome "Cacharary" (Masô, João: 1910).

Já os índios mais velhos que vivem hoje no rio Azul, um dos formadores do Marmelo, acreditam que este termo Kaxarari se refere à autodenominação de seu povo:

"Esse nome Kaxarari vem desde o tronco velho. Todo mundo aqui é Kaxarari. Desde o começo que é Kaxarari que nós chama, não foi branco que botou não. É nome de antigo mesmo". (Antônio Caibú).

Estes velhos índios, por outro lado, não souberam informar se este termo Kaxarari seja mesmo uma palavra de seu idioma nativo.

Se é difícil encontrar uma palavra na língua nativa que autodenomine este grupo indígena, o mesmo não ocorre em relação aos nomes clânicos. Os que vivem atualmente no Azul/Barriinha identificam cerca de 18 clãs, esclarecendo que no passado eram mais numerosos. Voltaremos a tratar deste assunto mais adiante, no capítulo referente ao modo de vida dos Kaxarari.

Enfim, parece que não há uma palavra na língua Kaxarari para se autodenominar. O que existe nomeado são os nomes clânicos. Kaxarari, como tantos outros nomes utilizados para designar os povos indígenas da Amazônia Ocidental, é uma atribuição oriunda do contato interétnico.

## Índice

### II. Língua

Os Kaxarari falam uma língua do tronco linguístico Pano, semelhante ao idioma falado pelos Jaminãua, Kaxinauã, Iauanauã, Nuquini, Katuquina e Poianãua que vivem no Acre. Diz a este respeito o velho Kaxarari, Antônio Caibú:

"A gíria (idioma nativo) que mais parece com a nossa é a dos Jaminãua lá do Iaco. Kaxinauã parece algumas palavras. Mesma coisa com a gíria dos Iauanauã, Katuquina e Poianãua, que já conversei na casa do Índio em Rio Branco".

Falam entre si no seu idioma nativo, utilizando o português apenas para se comunicarem com os brancos. Os homens são bilingues por excelência. Falam a sua própria língua e o português regional fluentemente. Já as mulheres e as crianças não tem o mesmo domínio do português. Entendem melhor do que falam, apesar do uso sistemático de rádios e eletrolas em suas casas e ainda da existência de inúmeros intercassamento com homens e mulheres regionais.

Até há bem pouco tempo atrás muitos Kaxarari envergonhavam-se de sua identidade étnica, recusando-se a falar a sua língua na presença de brancos ou quando visitavam os núcleos urbanos da região. Mais recentemente, no contexto de luta pela posse de suas terras, a situação tende a se inverter. Há atualmente uma crescente valorização de sua língua nativa.

### III. Localização

Em 1910, João Alberto Masô, localizou os Kaxarari nas cabeceiras do igarapé Curequetê, afluente da margem direita do rio Ituxy:

"O rio Ituxy, 70 milhas mais abaixo da cachoeira Fortaleza, recebe o seu afluente direito Curequetê. Nas nascentes deste tributário se encontram os índios Cachararys" (Masô, João: 1910).

**Diário**

Já os velhos Kaxarari afirmam que suas malocas tradicionais eram encontradas não só nas nascentes do Curequetê como também em outros rios e igarapés daquela região. Diz o velho Artur César:

"No igarapé Barrinha tinha maloca antiga, nas cabeceiras do Azul tinha maloca de primeiro. Nas cabeceiras do Marmelinho também tinha maloca. No Macurenem também tinha. No Curequetê nas águas do Ituxy tinha muita maloca de primeiro. Do Macurenem ao Curequetê tinha maloca antiga, muita maloca. Maloca grande mesmo, parecido cidade".

Os Kaxarari vivem hoje em dia numa faixa de terra compreendida entre os igarapés Macurenem e seu afluente Calacaiã, o Azul e seus afluentes Barrinha e Maloca. A maior concentração populacional deste povo está localizada às margens do rio Azul, nos locais denominados Maloca e Boca da Barrinha, onde residem os dois principais chefes indígenas, Antônio Caibú e Artur César, respectivamente. Algumas famílias são encontradas na boca do rio Vermelho com o Marmelo, nos kms 77 e 88 da BR-364 (sentido Abunã - Rio Branco) e em vários núcleos urbanos da Região (Rio Branco, Porto Velho e Guajará-Mirim).

Pode-se alcançar as aldeias Kaxarari por dois caminhos diferentes. A primeira opção, e a mais utilizada pelos índios, é caminhando cerca de 10 horas por um varadouro que se inicia no Km 198 da BR-364 (sentido Rio Branco - Porto Velho), atravessando os seringais Mucambo e Piquiã, até a aldeia da Maloca, na margem esquerda do rio Azul. A outra opção é fluvial, subindo-se da ponte da BR-364 no rio Marmelo até a foz do rio Azul e daí subindo por este rio até as aldeias da Boca da Barrinha e Maloca. Este segundo caminho é utilizado, sobretudo, nos meses de inverno, épocas das chuvas e quando os rios da região estão alagados.

## **Dipe**

### IV. População

No início deste século a população Kaxarari foi estimada em cerca de 2 mil índios por João Alberto Masô:

"A tribo dos Cachararys é composta de dois mil silvícolas, que vivem neste estado primitivo, tranquilos e felizes, dis pensando ao que parece o humanitário concurso dos civiliza dos" (Masô, João: 1910).

Desta época para cá, os "tranquilos e felizes" Kaxarari, de que nos fala Masô, mortos a tiros de rifles "papos amarelos" dos caucheiros peruanos e seringalistas brasileiros, que lhes expropriaram as suas terras, e vítimas de epidemias viróticas, viram-se reduzido a menos de 200 indivíduos.

Como nunca foram assistidos pelos órgãos oficiais de proteção aos índios, o SPI no passado e a FUNAI no presente, e tam bém por missões religiosas, os levantamentos populacionais des te povo são praticamente inexistentes.

O primeiro censo, que se dispõe de dados, foi realizado em 1975 pelo então vigário de Abunã, Pe. Pedro Maria Gaulik. Fo ram então recenseados "89 índios e mais 14 pessoas intimamente ligadas a eles ou como cônjuge ou como filhos de pai civilizado com mão índia ou vice-versa".

Já o segundo censo, mais abrangente que o primeiro, foi le vantado em 1978 por uma equipe da FUNAI, que realizou a primei ra delimitação da área indígena Kaxarari. Foram então recensea dos 109 índios, sendo 58 homens e 51 mulheres. Neste censo fo ram considerados Kaxarari inclusive aqueles indivíduos nasci dos de casamento interétnicos. Deste total 53 índios moravam den tro da área delimitada pela FUNAI e 56 outros moravam fora de la, em locais dispersos (Cruvinel, Noraldino: 1978).

Em 1981, a CPI-Acre recenseou 129 índios Kaxarari. Deste total 88 índios viviam dentro da área eleita pela FUNAI em 78 e 41 outros viviam espalhados pela BR-364 e pelas margens dos rios Marmelo, Vermelho e Abunã (Meirelles, José Carlos: 1981).

**Índice**

Apresentando a seguinte composição por faixa etária e sexo:

FAIXA ETÁRIA	HOMENS	MULHERES
01 a 05 anos	14	16
05 a 10 anos	07	14
10 a 15 anos	06	07
15 a 20 anos	09	05
20 a 25 anos	07	03
25 a 30 anos	09	04
30 a 35 anos	08	07
35 a 40 anos	03	01
40 a 45 anos	03	01
45 a 50 anos	01	01
50 a 55 anos	-	-
55 a 60 anos	-	-
+ de 60 anos	02	01
<b>TOTAL</b>	<b>69</b>	<b>60</b>

Total = 129 Índios Kaxarari.

Uma leitura atenta do quadro acima nos permite fazer as seguintes observações:

a) O número de homens Kaxarari supera ligeiramente o de mulheres (homens = 69; mulheres = 60), havendo um certo equilíbrio entre os sexos;

b) A maioria da população Kaxarari é constituída de crianças e jovens de menos de 20 anos (60,5%);

c) Os velhos ou anciãos representam parcelas mínimas da população Kaxarari (2,3%). Isso se explica em função da violência e genocídio praticado contra os Kaxarari por caucheiros peruanos e seringalista brasileiro de 1910 até agora;

d) A população da faixa etária de 20 a menos de 50 anos também é relativamente baixa (37,2%);

Em meados de 1983 a CPI-Acre fez um novo censo da população Kaxarari, registrando 93 índios que moravam dentro da área indígena e cerca de 16 famílias residindo fora dela, com aproxi

## **Diáspora**

madamente 60 pessoas, apresentando um total de 153 indivíduos. Os 93 Kaxarari residentes dentro da área fazem parte de duas facções: a do velho Artur César com 48 índios e a do velho Antônio Caibū constituída de 45 índios. Voltaremos a tratar do faccionalismo Kaxarari no capítulo referente ao movimento de cooperativismo entre eles.

### V. História do Contato

Os Kaxarari marcam a sua história do contato interétnico em três períodos distintos: o tempo das "correrias", o tempo do "cativoiro" e, mais recentemente, o tempo dos "direitos". Fazem ainda referências explícitas aos nomes dos personagens e instituições sociais de cada período que lhes marcaram direta e/ou indiretamente. Vejamos, então, como eles pensam cada uma destas etapas de sua história:

#### a) O Tempo das "Correrias"

Os Kaxarari assinalam o início do contato com o período das "correrias" onde a maioria de sua população foi exterminada à bala por ação dos caucheiros peruanos e seringalistas brasileiros. Estas "correrias" foram organizadas pelos empresários do extrativismo com o intuito de "limpar a área" para lhes expropriar as suas terras ricas em seringa e caucho. O surgimento de doenças viróticas também é lembrado para caracterizar este período inicial de contato interétnico.

"Antigamente só vivia Kaxarari no Curequetê, Macurenem, Ituxy e Aquiry. Primeiro que veio foi peruano tirando caucho. Entrava nas maloca e matava muita gente na bala. Matava os homem tudim pra tomar a nossa terra, as mulher e as criança. No tempo dos peruano eles não livrava a cara de homem nenhum. Matava tudo na bala, no terçado e no porrete. O chefe dos peruano era um tal de Missael. Depois apareceu os cearense trabalhando na seringa e metia bala também pra

## Diário

tomar as nossa terra. No tempo das correrias os branco tan gia nós na bala. Aqui no Macurenem, no Curequetê tinha muj to caboclo brabo. Aonde era mais gente que tinha. Não ti- nha outro. Sô puro Kaxarari. Também morreram muito com sarampo, tosse-braba, malária, catapora, gripe e tubercu- lose. Não tinha remédio, não tinha nada. O resto morreu na bala mesmo. Bala doido. O resto que escapou, correu. O Otávio Reis onde ele encontrou seringa e castanha, ele bo- tou bala nos caboclo que já vivia alí, né? Um empregado do Capitão Valdivino matou esses caboclo mais velho tudim que ele encontrou pela frente. Amarrava os caboclo e metia ba- la. Ele era malvadeza. Os empregado do Capitão Valdivino que mais matava era o Anízio e um tal de Joaquim. Sei que eles matava os caboclo amarrado nos braço no cabo doido. Metia terçado, metia cacete, metia bala nos varador. De- pois acabou esse negócio de correria, mas doença continuou ainda". (Antônio Caibú)

### b) O Tempo do "Cativeiro"

Uma vez expropriadas as terras dos Kaxarari e constituídos os primeiros seringais da região do Ituxy-Curequetê procurou-se "amansar" os que sobreviveram aos massacres das "correrias" pa- ra incorporá-los como trabalhadores da empresa seringalista. Es- te período é marcado pela violenta exploração e escravização do povo Kaxarari, reduzidos agora a meros braçais dos "patrões" dos seringais da região. Vejamos agora como os Kaxarari representam este tempo do "cativeiro":

"Depois que acabou as correria, nós encontremo o patrão Matias Quaresma. Com o Matias não tinha que mexesse com nós. Nós fomos trabalhar pra ele. Foi ele que acabou de amansar a gente, os mais novo, né? Os mais velhos morreram tudo na bala mesmo. Ele amansou nós pra botar no cativeiro. Fazer todo tipo de serviço pesado. Carregar borracha nas costas, tirar caucho nas costas, fazer varador, achar as madeira pra fazer estrada de seringa, varejar de ubá pra



levar borracha e trazer as mercadorias dele da cidade, fazer canoa pra ele, apanhar castanha pra ele, botar rogado pra ele, pro Matias Quaresma. Os mais novo foram aprendendo a cortar seringa pra ele. Trabalhava, trabalhava pra ele pra ganhar uma mudinha de roupa e mercadoriazinha. Nunca ganhamos nada, só doença e muitos morria à mingua. Esse é o cativoeiro que a gente chama". (Artur César)

O tempo do "cativoeiro" é ainda marcado pela ausência sistemática de saldo, pela cobrança de renda pelas estradas de seringa que os índios ocupavam, pelo alto preço das mercadorias e o baixo preço de suas produções de borracha/castanha e pela manipulação das contas correntes dos índios seringueiros, de forma a ficarem sempre em dívida com seus "patrões" de seringal.

Este período do "cativoeiro" se estende até fins da década de 1960, época que coincide com a construção da BR-364, no trecho Porto Velho-Rio Branco, que passa nas proximidades de suas aldeias e também com a decadência dos antigos seringais da região onde vivem os Kaxarari. Nesta época se deslocaram das cabeceiras do Curequetê e Ituxy para a margem esquerda do rio Azul. Este rio era considerado, até a passagem da rodovia, como o fundo de suas terras, passando depois disso a se constituir na frente da área indígena. A partir daí passaram a receber a influência e a dominação dos pequenos "marreteiros da estrada":

"No tempo do cativoeiro nós nunca recebiamos saldo e ainda era obrigado a pagar renda das estradas de seringa. Patrão não dava talão de mercadoria nem conta corrente. A gente trabalhava e só ficava devendo. Nesse tempo que nós trabalhamos pro Matias Quaresma o fundo da nossa área era no Azul. Depois que passou a estrada os patrões já estavam se acabando. Quando passou a estrada aí os marreteiros tomaram conta. Já o fundo ficou sendo a frente e a frente ficou sendo o fundo. Quer dizer que de primeiro a frente era pro Ituxy, no Seringal Remancinho. A gente se aviava no depósito do Porto. Aí foi o tempo que foi se acabando os patrões e coisa e tal e foi ficando ruim de caça também. Aí

## O Tempo

nós fomos abrindo as colocações pros fundo na área, pro Azul, que era bom de caça e ficava mais perto da estrada. O Cai-bú abriu a primeira colocação bem na beira do Azul, que é esse justo esse lugar que ele ainda mora agora e que se chama Maloca. Aí o resto foi mudando devagazinho. Lá onde era a frente não ficou ninguém mais. Veio tudo pro Azul. Aí no Azul começamos a se aviar com os marreteiros por influência da estrada. Já tinha esse melhoramento mais. Já as mercadorias era vendidas mais em conta. Deixamos de pagar a renda das estradas de seringa. E aqui e acolá dava pra tirar um saldozinho. Foi acabando o tempo do cativo dos patrões de seringa, como se diz. Mas os marreteiros também não é flor que se cheire não. Só melhorou uma coisinha assim". (Artur Cesar)

### c) O Tempo dos "Direitos"

Para os Kaxarari do Azul este novo momento histórico é marcado a partir da instalação de uma Ajudância da FUNAI no Acre, em meados da década de 70, e pela delimitação de sua área indígena por uma equipe de técnicos do Órgão de proteção oficial, em 1978. Desta época em diante os Kaxarari passaram a tomar consciência de seus direitos, inclusive aqueles relacionados com a posse efetiva de suas terras, com os meios suficientes e necessários à sua sobrevivência coletiva. Os Kaxarari representam assim este novo tempo:

"Depois que a FUNAI botou uma Ajudância em Rio Branco e veio aqui no Azul tirar um pedaço de terra pra nós, nós ficamos mais sossegado porque nós compreende agora os nossos direitos. Nós ficamos sabendo que tinha direito a nossa terra, direito nas nossa seringueira e castanheira que tem na nossa terra. FUNAI prometeu marcar a nossa terra, mas ainda não marcou no terreno. Só marcou no mapa, só marcou no papel. Por enquanto é só promessa, mas nós já sabemos que temos direito a nossa terra. Nós queremos marcar logo a nossa terra porque não tá ainda invadida de cariu". (Antonio Cubiu)



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
FUNAI

207

26.01.1979

D.O.U.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

PORTARIA N.º 541-N, DE 22 DE DEZEMBRO DE 1978

O Presidente da Fundação Nacional do Índio, no uso de suas atribuições que lhe confere os Estatutos, e considerando o que consta no Processo FUNAI-BSB-4.685-78, resolve:

1 - Ficam declaradas como áreas de ocupação dos índios *Kaxarari, Tchimibucos* nos Municípios de *Lábrea* - Estado do Amazonas e *Porto Velho* - Território Federal de Rondônia, as terras contidas nos limites a seguir descritos:

**Norte** - Inicia no Ponto A, de coordenadas aproximadas 09°17'20" S e 66°24'50" WGr., situado na confluência do Igarapé Calacta, quando atinge a margem esquerda do Igarapé Macurém; daí a montante pelo citado Igarapé localiza-se o Ponto B, de coordenadas aproximadas 09°12'40" S e 66°14'32" WGr.

**Leste** - Do Ponto B, a montante, pelo Igarapé Macurém, localiza-se o Ponto C, de coordenadas aproximadas 09°25'37" S e 66°09'58" WGr., situado na nascente do citado Igarapé; daí, segue em linha reta e seca até atingir o Ponto D, de coordenadas aproximadas 09°27'20" S e ... 66°10'30" WGr., situado na nascente de um Igarapé sem nome afluente da margem esquerda do Igarapé Tawaturá, descendo a jusante passando pela confluência com o Igarapé Tawaturá e por este a jusante até sua confluência com o Igarapé Azul e por este jusante até atingir a confluência do Igarapé sem nome, afluente da margem direita, no Ponto E, de coordenadas aproximadas 09°21'50" S e 66°12'22" WGr., daí por este Igarapé o

continua até sua cabeceira, no Ponto F, de coordenadas aproximadas 09°22'55" S e 66°13'10" WGr., daí, em linha reta e seca até atingir a cabeceira do Igarapé Bartinha no Ponto G, de coordenadas aproximadas 09°34'00" S e 66°14'10" WGr.

**Sul** - Do Ponto G, em linha reta e seca até atingir o Ponto H, de coordenadas aproximadas 09°34'57" S e 66°22'10" WGr., situado na confluência de um braço formador do Igarapé Maloca, e por este a jusante até sua confluência com o Igarapé Azul e por este a montante até sua cabeceira no Ponto I, de coordenadas aproximadas 09°32'22" S e 66°24'58" WGr., daí, em linha reta e seca até atingir a cabeceira do Igarapé sem nome afluente da margem esquerda do Igarapé Remancim no Ponto J, de coordenadas aproximadas 09°32'37" S e 66°25'57" WGr., daí, a jusante até atingir a confluência com o Igarapé Remancim no Ponto K, de coordenadas aproximadas 09°30'40" S e ... 66°28'50" WGr.

**Oeste** - Do Ponto K, pelo Igarapé Remancim a montante até sua cabeceira, localiza-se o Ponto L, de coordenadas aproximadas 09°23'56" S e 66°23'33" WGr., daí, em linha reta e seca até atingir o Ponto M, de coordenadas aproximadas 09°24'56" S e 66°24'54" WGr., situado na nascente de um Igarapé sem nome, afluente da margem esquerda do Igarapé Calacali e por este a jusante, passando pela confluência com o Igarapé Calacali e por este até atingir a confluência com o Igarapé Macurém no Ponto A, inicial do presente descritivo.

2 - São expressamente vedados o ingresso, trânsito e permanência de pessoas nas áreas descritas no item anterior, estranhas aos grupos indígenas que nelas habitam. - *Ismarth de Araújo Oliveira*

a confluência do Igarapé sem nome, afluente da margem direita, no Ponto E, de coordenadas aproximadas 09°21'50" S e 66°12'22" WGr., daí, por este Igarapé o

gresso, trânsito e permanência de pessoas nas áreas descritas no item anterior, estranhas aos grupos indígenas que nelas habitam. - *Ismarth de Araújo Oliveira*

**Ofício**

Desde então tem havido um crescimento político por parte das lideranças Kaxarari, que hoje reivindicam a correta demarcação da área indígena já delimitada pela FUNAI.

VI. Modo de Vida

Os Kaxarari estão divididos em clãs. Afirma-se que são clãs porque são categorias em que se classificam as pessoas segundo uma regra de descendência baseado em uma só linha. No caso dos Kaxarari esta linha de descendência é patrilinear, ou seja, cada homem ou mulher pertence sempre ao clã de seu próprio pai. Como em toda sociedade assim dividida, os clãs Kaxarari são exogâmicos, não se podendo casar dentro do mesmo clã.

Existem atualmente 18 clãs nomeados entre os Kaxarari, mas no passado eram mais numerosos:

- "Inauêtxabê" = gente da onça
- "Xaualitxabê" = gente da arara
- "Bauê txabê" = gente do papagaio
- "Xapuitxabê" = gente do algodão
- "Xauitxabê" = gente da garça
- "Txalamaitxabê" = gente do Jaburú
- "Tekuluitxabê" = gente do passarinho bico de brasa
- "Rititxabê" = gente da envira
- "Waraínerotxabê" = gente da banana
- "Txurutxabê" = gente da andorinha
- "Binūissakaitxabê" = gente da patativa
- "Xaxuitxabê" = gente da pedra
- "Xukitxabê" = gente do tucano
- "Kalatxabê" = gente da arara canindê
- "Tescubatxabê" = gente do passarinho
- "Apulitxabê" = gente do Tamanduá-í
- "Kukuiritxabê" = gente do gavião
- "Tauāxanetxabê" = gente da cana

## Matrimônio

O casamento preferencial entre os Kaxarari é com a filha do "Koko" (tio materno ou sogro) ou com a filha da "jaiã" (tia paterna ou sogra), ou seja, casamento ideal entre primos cruzados bilaterais, mantendo-se assim a exogamia clânica. Um jovem Kaxarari ao casar-se teria que se deslocar para casa e família de seu sogro. Se quisesse casar deveria ir trabalhar para seus sogros. Quem decide o casamento são os pais dos futuros cônjuges. A separação dos casais é ainda muito frequente nas primeiras fases do casamento. Como os filhos homens, de 15 anos em diante, saem de seu grupo doméstico ao se casar, os genros são muito importante para a manutenção daquela família Kaxarari. São eles que cortam seringa, coletam castanha, derrubam as matas para colocar os roçados ou trabalham como "boias frias" das fazendas agropecuárias e seringais estabelecidos ao longo da BR-364. Os Kaxarari representam o seu casamento como diferente do costume, nesse sentido, adotado pelos regionais brasileiros. Afirmam eles que os seringueiros regionais tem como costume de casamento o "roubo da noiva", enquanto são os seus pais que escolhem o casamento de seus filhos. E o jovem esposo Kaxarari tem a obrigação de se deslocar para a família de seu sogro, dada a regra cultural da matrilocidade após o casamento.

A família Kaxarari não é só importante como uma unidade de produção e consumo, mas também como transmissora de valores de sua tradição cultural. Dentro da área do Azul existem duas grandes famílias extensas, que competem entre si pelo poder político local, principalmente quando negociam projetos econômicos na sede da Ajacré ou com as entidades de apoio, como o CIMI e a CPI/Acre.

Uma criança Kaxarari, ao nascer, além de receber o nome clânico de seu pai e residir no grupo doméstico de sua mãe, possui nomes pessoais em sua língua nativa, que lhes são transmitidos em gerações alternadas. Assim ensinam os mais velhos Kaxarari do Azul:

"O menino quando nasce recebe o nome do avô dele (avô paterno) e a menina tem o nome da avó dela (avó paterna)".

(Artur César)

## Ofício

Os Kaxarari já não vivem em suas antigas malocas e aldeias tradicionais, tais como descreve Masô em 1910:

"As aldeias (Kaxarari) são compostas de 15 a 20 malocas ou grandes choupanas, toscamente construída, cobertas de palhas de jarina...

As malocas são espaçosas, podendo agasalhar até 10 famílias ou aproximadamente umas 40 pessoas... as habitações possuem apenas duas aberturas ou portas, que à noite são tapadas com peles de onça ou de outro animal quadrúpede". (Masô, J. - 1910)

Hoje, estas aldeias e malocas, tais como a descrita acima, já não existem mais. Só os mais velhos índios do Azul conheceram estes tipos de habitações. Vejamos agora a descrição dada por um destes velhos Kaxarari:

"Cada aldeia antiga tinha o seu nome. Cada lugar que morava tinha o seu nome. Antigamente tinha muitas malocas. Era uma maloca grande e redonda, enviava os caibros no chão até em cima e coberta com palha de jarina até embaixo. Toda fechada, só tinha mesmo duas portas. Cabia muita gente dentro. Cada aldeia tinha muitas maloca assim ao redor e no meio ficava o terreiro grande, todo limpinho, onde fazia as festas. Aquele que vivia na maloca de inauêtxabê (gente da onça) usava couro de onça, se enfeitava com couro de onça, rabo de onça. Já nas maloca dos bauêtxabê (gente do papagaio) usava pena de papagaio. Assim é que era antigamente". (Antônio Caibû)

Os Kaxarari vivem atualmente em casas de estilo regional "duas águas", pau a pique, com assoalhos e paredes laterais e internas de paxiúba e cobertas com palhas de babaçú.

Também já não praticam mais nenhum de seus rituais tradicionais, o que levou alguns observadores a afirmarem que eles estão atravessando uma "desagregação social cada vez mais pronunciada. Além do vínculo linguístico parece haver pouca coisa de sua cultura tradicional" (Gaulik, Pe. Pedro - 1975).



Um velho Kaxarari representa os seus rituais tradicionais como uma "brincadeira de antigamente", do passado, enquanto no presente praticam as mesmas "festas de eletrola" praticada pelos seringueiros:

"Eu alcancei muitas brincadeiras de antigamente, muita dança e cantoria de roda. Tinha a festa do buiarri, que era a festa das fruta. Todo mundo ia pra mata apanhar ingã, na já, fruta de massaranduba, todo tipo de fruta da mata. Tinha também a brincadeira do bili, que era um jogo de bola de caucho, jogado com o joelho, parecido com esse futebol dos cariú. Tinha também o cupã, que só os mais velho tomava. Era uma lavagem que dava porre na gente e a gente suava muito, sonhava. Nas festas todo mundo fazia vestimenta de palha do olho do buriti, se pintava, se enfeitava de penas, coros de onça e máscaras. Muita carne, fartura e alegria. Convidava outras aldeias pra brincadeira. Dava de comer pra todo mundo. Agora não tem mais festa de antigamente não. Agora só tem festas de eletrola e muita cachuça, que os marreteiros vendem por aqui pra animar o pessoal". (Joaquim Joara)

Os Kaxarari já não confeccionam mais a maioria das peças de sua cultura material. Atualmente só fabricam apenas vasouras, abanos de palha, colares e pulseiras de pena, que vendem em Rio Branco quando visitam esta cidade:

"Antigamente fazia panela de barro, fazia rede, balaio, chá pçu de pena, busina de rabo de tatú, arco e flecha também fazia. Agora não faz nada, antigamente trabalhava muito nessas coisa. Agora só faz vasoura de cipô, abano de palha, colar e pulseira de pena, pra vender em Rio Branco".

(Alberto Cêsar)

Os pagês já não mais existem entre os Kaxarari, mas os mais velhos ainda conhecem muitas ervas medicinais da floresta. A principal técnica de cura dos pagês antigos era a da sucção:

"Antigamente tinha pagê pra curar a gente. Quando adoecia, ele chupava no corpo do doente e tirava aquelas pedra do

271

**Olipe**

corpo do doente e jogava a doença fora. Rezava pro doente ficar logo bom. Tomava rapê e cupã pra curar. Subia muitos remédio da mata, mas agora não, mais pagê não. Tudo se acabou". (Antônio Caibû)

#### VII. A Situação Sócio-Econômica

Os Kaxarari vivem atualmente de seus roçados de subsistência, da coleta de castanha do Brasil, da extração da seringa, da caça, da pesca, da coleta de frutas silvestre e, eventualmente, como diarista ou peões das fazendas e seringais estabelecidos nas proximidades de sua área indígena.

Em seus pequenos roçados, nem sempre suficientes para alimentá-los durante todo o ano, plantam, sobretudo, a mandioca mansa e braba, o milho, o carã, a batata doce, o inhame, a taioba, a banana, o mamão, o cajú, o abacate, o abacaxi etc... Mais recentemente estão plantando também o café, o arroz e o feijão.

Para adquirir o que eles próprios não produzem, geralmente manufaturados, e muitas vezes até o que poderiam produzir em seus roçados, os Kaxarari coletam castanha durante o inverno e cortam seringa nos meses de verão para comercializarem com os marreteiros da BR-364.

A coleta de castanha e a extração de seringa tornaram-se atualmente as principais atividades econômicas dos Kaxarari e praticamente as únicas fontes de recursos do grupo. Através da comercialização destes produtos eles tem adquiridos não só os bens fabricados pela sociedade nacional, como também boa parte de suas alimentações nos momentos de maiores crises, tais como, o arroz, a farinha, o feijão, as conservas, o charque, o peixe seco e salgado etc...

A caça constitui praticamente a fonte protética da alimentação Kaxarari. Para tal utilizam as espingardas e munições e também cachorros. Dada a proximidade da BR-364 de sua área indígena, a caça está escasseando-se dentro de suas terras, o que

## Alfipe

estã levando a um progressivo aumento de suas criações domésti-  
cas de galinhas, patos e porcos.

Os rios, lagos e igarapês existentes dentro de sua área  
indígena não são piscosos. Geralmente pescam de uaca (uma espé-  
cie de tinguí) ou de anzol apenas nos meses de auge do verão.

Dos frutos silvestres coletam principalmente o açuí, a aba-  
caba, o patuã e o buriti, com os quais fazem nutritivos vinhos,  
que complementam as suas dietas alimentar.

Até fins da década de 1960 os Kaxarari viviam subordinados  
aos seringalistas tradicionais da região do Alto rios Marmelo  
e Ituxy. Com a passagem da BR-364 e a conseqüente desestrutur-  
ção da empresa seringalista, eles passaram a depender econômica-  
mente dos pequenos marreteiros estabelecidos ao longo desta ro-  
dovia federal.

Nos talões de mercadorias vendidas aos Kaxarari por estes  
pequenos marreteiros locais destacam-se os seguintes artigos:  
sal, açúcar, sabão, querosene, óleo comestível, tabaco, leite  
em pó, neston, creme dental, escova de dente, vela, pente, es-  
pelho, desodorante, brilhantina, gilete, papelim, chumbo, pôl-  
vora, cartucho, espingarda, espoleta, arroz, feijão, farinha,  
conserva, pimenta do reino, peixe seco, alho, rádio, relógio,  
eletrola, disco, fósforo, isqueiro, tecido e confecção, remédio  
e todo tipo de bebida alcoólica, onde se destacam a cachaça, o  
conhaque e o álcool etc...

Os Kaxarari têm consciência de que são enganados nas tran-  
sações comerciais que estabelecem com estes pequenos marretei-  
ros da BR-364. Percebem, com bastante clareza, que são duplamente  
explorados por eles, tanto nos baixos preços de seus produ-  
tos extrativos (borracha e castanha), como nos altos preços das  
mercadorias adquiridas. Reclamam ainda do prazo de pagamento  
destas mercadorias que lhes são aviadas pelos marreteiros e da  
ausência sistemática de saldos. Quando têm saldos a receber, o  
que ocorre raramente, tais marreteiros não costumam pagar a di-  
nheiro, mas apenas na base da troca desigual, por novas merca-  
dorias aviadas e a preços exorbitantes. Por mais que produzam

## o Sapo

continuam devendo aos pequenos marreteiros locais. O discurso abaixo de um representante Kaxarari é bem ilustrativo desta consciência de exploração econômica a que estão submetidos:

"O mal do marreteiro é o seguinte. Porque os marreteiro não é como os patrão de seringal antigo. Os patrão antigo também vendia caro mas pelo menos tinha o prazo maior para o pagamento. Se não pagava naquele ano, pagava no outro. E os marreteiro não. Os marreteiro vende com o prazo de 15 dias ou um mês. Então estas mercadorias que os marreteiro vendi pra nós aqui é muito caro. Muito caro mesmo. Eles vendi no preço de um quilo, o preço de dois ou três que eles compra lá fora. E querendo pagar o nosso produto (a borracha e a castanha) por pouco mais ou nada. Se eles com pra uma lata de castanha aqui por 300,00 ou 400,00, vão vender esta mesma lata de castanha por 1.500,00 lá fora. Depois vendi uma lata de leite em pó aqui pra nós no estouro de caro. Uma lata de óleo comestível no preço também muito caro. O marreteiro que mais anda aqui na nossa área é o Chatinho e o Caxico. Mas eles já são aviados pelos comerciante forte da rodagem. Quem avia mercadoria pros dois já é o Bosco, que é um comerciante forte da rodagem, é dono de fazenda e tem comércio em quase toda cidade. Ele tem comércio em Manaus. Tem comércio em Porto Velho, Guajará-Mirim e em Itaquatiara. Tudo por acolá ele tem comércio, esse Bosco tem comércio. O ponto do Bosco aqui é no Km 135 da rodagem (BR-364). O Chatinho mora no Km 103 e o Caxico mora na colocação Sapo, que entra no Km 97. Daí a 3 horas de caminhada chega no Sapo. Então a dificuldade é essa. Porque o marreteiro marca: - Olha, eu tô vendendo fiado. mas no tal dia eu chego. O prazo é 15 dias ou um mês. Então nesse tempo o camarada tem o rogado pra brocar e derubar, o camarada tem uma caçada pra fazer, porque não tem nada mesmo pra comer, né? Então ele não vai deixar os filhos dele passar fome pra ir trabalhar na seringa. Tem que dá uma caçada primeiro. Então ele perde dia pra caçada, per

## Diálogo

de dia pra botar o roçado, perde dia pra uma coisa e outra e quando dá fé o marreteiro tá em cima, cobrando e aí ele já vai descuidando de botar um roçado grande. Ele aí tem de aprontar um produto, porque o marreteiro chega e impõe mesmo pra receber. Então quem vem trazendo os marreteiros aqui dentro da nossa área é os próprios índios, porque muitos deles não tem planta nem roçado suficiente pra tirar um ano. Então tem que trazer o marreteiro, porque o marreteiro traz o feijão, o marreteiro traz o arroz, traz o leite, traz o chumbo, a pólvora, o sal, o querosene, o cartucho, a espoleta, a espingarda, o terçado, a faca, a confecção, o remédio e tudo o mais. E o camarada precisa disso tudo tem que trazer e aceitar os marreteiros aqui dentro de nossa área. Muitos aqui compram de tudo do marreteiro. Tudo. Só não compram a água e a lenha porque eles não trazem, né? Pois se trouxesse muitos dele ainda ia comprar". (Antônio Cubiu).

Pelo discurso do representante indígena acima, podemos descobrir o seguinte esquema de aviamento, que revela a dupla exploração econômica a que estão sujeito atualmente os Kaxarari:

1. Os comerciantes das cidades da região onde vivem os Kaxarari (Manaus, Porto Velho, Guajará-Mirim, Rio Branco e Lábrea) representam atualmente o antigo papel das Casas Aviadoras da empresa seringalista tradicional. Para aumentar os seus lucros muitos comerciantes da cidade estabelecem suas filiais ao longo da BR-364. Ganham, sobretudo, nos altos preços das mercadorias que repassam para os comerciantes fortes da BR-364 ou então, quando tem filiais na rodagem, aviam diretamente os pequenos marreteiros locais.

2. Já os comerciantes fortes da BR-364 representam o papel do Arrendatário da antiga empresa seringalista. Têm acesso ao crê-

## 3. Os pequenos marreteiros

dito bancário ou então já são aviados de algum comerciante da cidade. Ganham também muito nos altos preços das mercadorias ao aviarem, por sua vez, uma rede de pequenos marreteiros. Vários destes comerciantes possuem pequenas fazendas aonde estabelecem a sede de seu comércio, ao longo da BR-364.

3. Os pequenos marreteiros correspondem aos antigos "gerentes aviados" do Seringal. Geralmente se aviam com os comerciantes fortes da BR-364, que lhes vendem mercadorias caríssimas para revenderem ainda mais caras para os Kaxarari e seringueiros regionais. Ganham também nos preços baixos dos produtos (borracha e castanha) fabricados pelos Kaxarari e seringueiros do Amazonas. É o último elo dessa cadeia de intermediários, que tornam a vida muito difícil dentro da área indígena Kaxarari. Os preços das mercadorias vendidas por estes pequenos marreteiros comparados com os preços das mesmas na cidade de Rio Branco, chegam a variar de 200 a 400% mais caras. Pagam sempre os produtos extrativos dos Kaxarari a preços inferior ao mínimo estabelecido pelo governo federal, através de suas agências como a Sudhevea, por exemplo.

4. Os Kaxarari são duplamente explorados, tanto nos altos preços das mercadorias como no baixo preço de sua produção extrativa. Estão sempre se submetendo a dívidas infundáveis com os pequenos marreteiros. Uma boa parte dos gastos dos índios Kaxarari com estes pequenos marreteiros é feita através de bebidas alcoólicas, que lhes são vendidas por estes a preços exorbitantes.

O esquema de aviamento acima mostra uma cadeia de exploração econômica que se estende da aldeia Kaxarari às indústrias automobilistas e de manufaturados do centro-sul, muito delas com vinculações internacionais, como a Pirelli, a Goodyear, Firestone etc... Cada elo da cadeia de aviamento sugando as riquezas daquelas que realmente trabalham e produzem. Mantendo sempre que possível o elo posterior endividado ou submetido ao monopólio comercial. Sustentando uma troca desigual entre produ-

## Sipe

ção extrativa (borracha e castanha) dos Índios e os altos preços dos manufaturados, aonde o dinheiro só aparece como uma referência contábil.

No caso da relação entre os não produtores ("comerciantes das cidades da região", "comerciantes fortes da BR-364" e os "pequenos marreteiros"), embora existam interesses diferentes, todos saem ganhando, principalmente nos altos preços das mercadorias que repassam ao outro. Já ao nível da relação entre os produtores e os não produtores, no caso entre os Kaxarari e os pequenos marreteiros, as relações são marcadas por um antagonismo de interesses e pela dupla exploração a que são submetidos os produtores diretos, que são os Índios Kaxarari e os seringueiros-castanheiros regionais.

Os pequenos marreteiros, que já são explorados nos altos preços das mercadorias aviadas pelos comerciantes fortes da BR-364, para aumentar seus lucros, tem que vender mercadorias mais caras ainda para os extratores ou produtores. Os preços de suas mercadorias, comparado com os preços das mesmas nos centros urbanos da região, chegam a variar de 200 a 400% mais caras, quando repassadas aos Índios Kaxarari. Pagam também abaixo do valor real a borracha e a castanha produzidas pelos Kaxarari e seringueiros-castanheiros regionais. Ganham de 50 a 100% na produção extrativa dos Índios.

Por causa desta troca desigual (borracha + castanha x mercadoria) procuram manter sempre os Kaxarari dependentes e endividados, de forma a dispor de uma mão-de-obra controlada em todas as safras extrativas. Estes pequenos marreteiros dificilmente pagam os saldos dos Kaxarari em dinheiro, mas, quase sempre, com novas mercadorias tabeladas a preços mais altos ainda. Eles são também responsáveis pelo maior número de conflitos sociais entre Índios e brancos e entre os próprios Kaxarari. São responsáveis ainda pelo alto custo de vida e pela exploração econômica a que estão submetidos a população Kaxarari. Possuem tropas de burros, que fazem o transporte de borracha/castanha e das mercadorias, ligando as barracas dos Índios, nas colocações



de seringa, aos comerciantes fortes da BR-364, São ainda responsáveis pelo alto grau de alcoolismo existente entre os índios Kaxarari do rio Azul/Igarapê Barrinha. E também pela desagregação social deste povo. Hoje, de sua cultura tradicional, os Kaxarari praticamente só mantiveram a sua própria língua nativa.

Como os Kaxarari não dispõem de tropas de burros para transportarem as suas produções de borracha e castanha até as margens da BR-364 para comercializarem diretamente com os comerciantes fortes da rodagem ou mesmo para os comerciantes da cidade, são obrigados a se submeter a dupla exploração dos pequenos marreteiros locais. A falta destes animais também contribui para a baixa produção de castanha dentro da área Kaxarari. Por não disporem destes animais, muitas colocações de seringa e pontos de castanhas, mais afastadas das margens do Azul, não são trabalhadas pelos índios Kaxarari. Fato este que leva muitos índios a arrendar seus pontos de castanha e estradas de seringa para os freqüentes brancos destes pequenos marreteiros, que conhecem a invadir a área Kaxarari. Vejamos o que diz, neste sentido, um representante Kaxarari:

"Dentro de nossa área nós pode quebrar até 7 ou 8 mil latas de castanha, mas como nós não tem mercadoria e não tem animal de carga pra tirar a nossa castanha, só tira pouca castanha. Tira só 3 mil latas. Mais de 4 mil latas se estraga todos os anos, em toda safra de castanha. Muitos índio por isso se vê obrigado a arrendar as suas colocações de seringa e pontos de castanha para os marreteiros daqui de perto, que tem tropa de burro pra tirar nosso produto pra beira da rodagem. Por isso nós se vê obrigado a vender a nossa borracha e a nossa castanha só pra esses marreteiros e a só comprar as mercadoria com eles. A gente trabalha, trabalha e ainda só fica devendo pra eles. Com estes marreteiros ninguém vai pra frente". (Santuka)



#### VIII. Tutela e Assistência

Os Kaxarari nunca foram assistidos pelo SPI, no passado, e pela FUNAI, no presente, nem mesmo por missões religiosas.

Foi somente em meados da década de 1970, que as lideranças Kaxarari do Azul procuraram pela primeira vez a sede da 8a. delegacia regional da FUNAI, em Porto Velho, reivindicando a delimitação de suas terras e melhores condições para ocupá-las produtivamente, por conta própria, independentes dos pequenos marreteiros. Outro motivo que levou os Kaxarari a procurar assistência da FUNAI é para tratamento de saúde. É a época do auge da especulação das terras na região do alto Marmelo e também das epidemias de malária, coqueluche, sarampo etc., que matavam muitos índios, principalmente crianças e velhos. De positivo pouco ou quase nada conseguem na delegacia da FUNAI de Porto Velho. Levam alguns poucos medicamentos fabricados pela CEME para sua aldeia no Azul e a promessa da eleição futura de sua área indígena.

Em 1975, um relatório do vigário do Abunã, encaminhado à FUNAI, denuncia a falta de assistência em que viviam abandonados os Kaxarari pelo órgão de proteção oficial:

"A tribo dos Kaxarari ficou completamente esquecida pelas autoridades. Não há nenhum tipo de assistência médica ou escolar por parte da FUNAI. A principal reivindicação dos Kaxarari é a área da reserva para eles. Em sua humildade não exigem grandes extensões. Apenas queriam que cada família deles tivesse a mesma área que o INCRA costuma dar aos colonos". (Gaulik. Pe. Pedro Maria)

Em 1976, com a instalação de uma Ajudência em Rio Branco (Ajacre), foi realizada uma primeira viagem de funcionários da FUNAI à área dos Kaxarari do rio Azul. Levaram remédios da CEME e novas promessas de delimitação de sua área indígena, não mais em pequenos lotes de terras como o INCRA propõe para os colonos em seus projetos de colonização, mas como uma área única e indivisível, que levasse em conta a imemorialidade de ocupação

## Grupo

de suas terras, as suas áreas de caça e pesca, cemitérios, antigas malocas etc... Nesta primeira viagem de seus funcionários, a FUNAI ficou informada das reivindicações dos Kaxarari em resolver logo a demarcação de suas terras, da precária situação de saúde dos índios e da superexploração a que estavam submetidos aos pequenos marreteiros da BR-364.

Finalmente, em 1978, uma equipe da FUNAI de Brasília, formada por um antropólogo e um engenheiro agrimensor, propõem, em seus relatórios, a primeira delimitação da reserva Kaxarari e a instalação de um posto indígena da FUNAI às margens do rio Azul. Entre as medidas apresentadas destacam-se:

"...a situação atual dos Kaxarari requer uma ação efetiva e urgente por parte da FUNAI, no sentido de reorganização e recomposição do grupo dentro da área eleita:

- a) criação do P.I. Kaxarari, na margem esquerda do igarapé Azul do rio Marmelo, junto à aldeia de Caibú;
- b) contratação de um auxiliar técnico de indigenismo e de um auxiliar de enfermagem".(Cruvinel, Noraldino-1978)

Nenhuma destas sugestões apresentadas, em 1978, pelos técnicos da FUNAI foi realizada até agora. Criando apenas entre os Kaxarari a expectativa de garantia da posse de suas terras e de que seriam assistidos, em caso de doenças graves, pela Ajacre. A partir deste ano, os Kaxarari passam a frequentar periodicamente a cidade de Rio Branco em busca das promessas da FUNAI.

Em 1980 a Ajacre coloca o primeiro chefe de posto entre os Kaxarari, o funcionário Iberê Saches. Este servidor da FUNAI com o desconhecimento total da região e da situação em que viviam os Kaxarari, inicia a construção da infra-estrutura do posto indígena, prometendo às lideranças Kaxarari as mercadorias e animais de carga necessários à realização da safra de castanha daquele ano. Meses depois este funcionário é transferido pelo ex-chefe da Ajacre, Benamour Fontes. Paraliza-se a construção das casas do posto indígena e as castanhas, coletadas pelos índios, apodrecem nas matas por falta de apoio da FUNAI.

## o Super

Em 1981, outro servidor da FUNAI vai morar entre os Kaxarari e passou a mobilizar os índios para abrirem um varadouro, ligando a aldeia do Azul até às margens da BR-364, com a finalidade de facilitar o escoamento de suas produções de borracha e castanha. O varadouro é aberto pelos índios, encurtando em 5 horas de caminhada a distância entre sua aldeia e a estrada federal. Este novo funcionário é também logo transferido sem nenhuma justificativa apresentada aos índios. Quem tira proveito do varadouro são os pequenos marreteiros locais, justamente os que mais exploram os Kaxarari do Azul.

Em 1982, os Kaxarari recebem novamente a visita de outro chefe de posto da FUNAI. Dispõe de recursos financeiros, este funcionário da Ajacre constrói três casas de madeiras de lei, compradas nas serrarias de Rio Branco e cobertas de zinco. Novamente o funcionário é transferido e as casas da FUNAI estão até hoje abandonadas. Um enfermeiro da FUNAI também é contratado pela Ajacre, mas não chega a permanecer nem um mês entre os Kaxarari. Recentemente uma família Kaxarari ocupou a casa que deveria ser a residência e o escritório do chefe de posto da FUNAI, tal é o abandono e a omissão da Ajacre em relação aos índios do Azul. Se os recursos gastos pela Ajacre na construção destas 3 casas fossem empregados para beneficiar diretamente a comunidade Kaxarari, teriam, de fato, contribuído para que eles pudessem ocupar produtivamente a sua área indígena e terem ficado mais independentes da dominação dos pequenos marreteiros locais.

Os Kaxarari, apesar da infra-estrutura da FUNAI montada em sua área, continuam sem assistência do órgão tutor, sem terem as suas terras demarcadas e ainda sendo explorados economicamente pelos marreteiros.

Para registrar todos estes anos de irresponsabilidade da atuação da FUNAI junto aos Kaxarari, apresentamos, a seguir, o depoimento de um dos líderes indígenas do Azul:

"Primeiro funcionário da FUNAI que veio aqui na nossa área foi o Meireles em 1976. Depois veio o Noraldino e um dou-

**Diário**

tor lá de Brasília pra marcar a nossa terra no mapa, de-  
 limitar a nossa área, como se diz. Depois veio o Iberê, di-  
 zendo aqui pra nós que era o chefe de posto da FUNAI aqui  
 na nossa área. Ele começou a fazer as casas da FUNAI e pro-  
 meteu arranjar mercadoria e burro pra gente colher as nos-  
 sa castanha. Mas ele foi logo embora também. A castanha que  
 nós juntamo se estragou na mata, a cotia foi que comeu. De-  
 pois veio o Cêlio. Ele gastou muito dinheiro comprando mu-  
 ta madeira de lei lá em Rio Branco pra construir as três  
 casas da FUNAI aqui na nossa área. Casas bonita, toda fe-  
 chada, coberta de zinco, parecendo casas da cidade. Ele  
 também foi logo embora e as casas da FUNAI ficaram aí aban-  
 donadas. O cupim é que tá acabando com elas. Tá tudo aí  
 abandonado. Depois veio o Antônio Pereira e mandou nós  
 fazer o varador que vai pra BR-364, prometendo que a FUNAI  
 ia ajudar nós tudo daqui. Não demorou muito não e foi logo  
 embora. Depois dele veio o Francisco Lopes se dizendo en-  
 fermeiro da FUNAI pra cuidar de nós. Como era muito abusa-  
 do, os outros aí botaram ele pra fora da nossa área. Teve  
 índio aqui que por pouco não mata ele. Ele fugiu daqui e  
 nunca mais voltou. A FUNAI gastou tanto dinheiro pra fazer  
 estas três casas e acabã nenhum funcionário da FUNAI parou  
 muito tempo por aqui. No tempo do Benamour, quando ele era  
 o chefe da Ajudaça, ele mandou nós abrir um varador daqui  
 da maloca até a beira da rodagem (BR-364). Ele prometeu  
 que ia ajudar nós na safra de castanha e de borracha, mas  
 ficou só na conversa fiado e na promessa. Nós fizemo esse  
 varador e quem aproveitou esse nosso trabalho foi os marre-  
 teiro daqui de perto. Pois bem, a FUNAI chegou aqui prome-  
 tendo demarcar a nossa terra, fazer esse varador, botar  
 posto indígena, fazer escola, enfermaria, trazer mercado-  
 ria pra fazer uma cantina e tudo ficou só na promessa. Dis-  
 serem também que podia vender nosso produto na cidade, en-  
 tão tinha o carro da FUNAI pra isso. Nós podia vender a  
 nossa borracha, a nossa castanha lá em Rio Branco porque

## Diálogo

vendia por preço bom. Que as mercadorias da cidade são mais baratas e o carro da FUNAI trazia nós de volta pra nossa área. Tudo isso eles prometeram, mas intê agora só fizeram mesmo essas três casas, que tão aí abandonadas, o cupim é que tá tomando de conta dessas casas da FUNAI. Por que a FUNAI age assim com nós?". (Santuka)

Outro representante Kaxarari complementa:

"A FUNAI prometeu terra. Prometeu marcar a nossa terra, mas intê agora não demarcou nada. Mandou fazer três casa aqui na nossa área, mas tá tudo abandonado. Casa grande, de madeira boa, coberta de zinco e tudo. Prometeu botar chefe de posto, enfermeiro, professor e nenhum da FUNAI dura aqui muito tempo na nossa área. Por que é isso? Esse pessoal da Ajudança da FUNAI vem aqui numa semana e já vai embora na outra. Muitos deles já passaram por aqui. E tudo ganhando dinheiro nas costas dos índios, dizendo que fica ajudando os índios na área. Ganhando dinheiro pra ficar morando na cidade. Prometeu mandar projeto pra nós trabalhar na borracha e na castanha por nossa conta mesmo, sem os marreteiros que rouba muito de nós. Prometeu as mercadorias aqui na cantina pra nós poder juntar o nosso produto e depois vender por melhor preço lá na cidade. Prometeu mandar professor e enfermeiro pra cá e ninguém ficou mais de uma semana aqui na nossa área. Por que será isso? Pico imaginando que é melhor preparar os índios mesmo pra ser professor, pra ser enfermeiro, que é gente daqui mesmo e não vai embora na outra semana como esses funcionários da FUNAI. Mesma coisa com o chefe de posto. Se tudo que a FUNAI já prometeu aqui fosse feito nós ia mudar de vida. Também tem a lei que manda demarcar a nossa terra, mas parece que a lei é só promessa da FUNAI também". (Antonio Cubiu)

Pelos depoimentos dos dois representantes Kaxarari acima, percebe-se a irresponsabilidade com que a tutela vem sendo exercida pela Ajudância da FUNAI no Acre entre eles.



A delimitação da área indígena do Azul em 1978, apenas criou expectativas entre os Kaxarari, que hoje reivindicam a demarcação correta de suas terras e as promessas não cumpridas pelos tantos funcionários do Órgão tutor, que já passaram rapidamente pela sua área indígena.

A FUNAI só tem prestado assistência de saúde aos Kaxarari, quando eles chegam a Rio Branco com os seus próprios recursos. Existe um médico lotado na Ajacre, mas que nunca visitou a área Kaxarari do Azul.

#### IX. Educação

Não existe ainda nenhum tipo de assistência educacional entre os Kaxarari, embora a Ajacre/FUNAI já tenha construído há mais de dois anos uma escola na aldeia do Azul. Faltam os professores, os materiais didáticos e a disposição de preparar os monitores indígenas para iniciarem, de fato, uma prática de alfabetização entre eles.

O funcionamento de uma escola na comunidade do Azul é uma reivindicação dos próprios Kaxarari de forma a diminuir o analfabetismo, responsável também pela exploração de suas atividades produtivas e conseqüentemente por suas precárias condições de vida.

Sugerem também os Kaxarari, que para melhorar as condições de ensino em sua área, deve-se preparar os próprios índios para eles serem os monitores de alfabetização, porque têm mais compromissos com sua comunidade do que os funcionários brancos da FUNAI, que por uma série de motivos não conseguem se fixar entre eles.

Os depoimentos abaixo de dois representantes Kaxarari, dão bem idéia dessa necessidade:

"Esse assunto de escola tá parado por aqui. A Ajudaça da FUNAI mandou fazer uma escola e tá abandonada, o cupim é que toma conta dela. FUNAI não mandou professor, não man-

## Sipe

do caderno, lápis e cadeira, não mandou livro nem nada. Também não preparou nenhum aqui pra ensinar pros outros. Eu pelo menos tenho uma praticazinha. Sei ler e escrever um pouquinho e fazer as quatro operação. Se a FUNAI quisesse podia mandar me preparar mais pra ensinar aqui na nossa área. Mas a FUNAI não contrata índio, só contrata branco". (Santuka).

"Escola por enquanto não temo. Só mesmo uma casa da escola que a FUNAI mandou construir aqui na nossa área. Teve um funcionário da FUNAI de Brasília que andou lá na sede da Ajudança da FUNAI de Rio Branco me perguntando o que precisava pra ter escola na nossa área. Eu disse pra ele: - Olha, nós precisa primeiro de um professor, precisa de livro, caderno, lápis, cadeira pros aluno sentar, mesa, quadro negro, giz e merenda escolar. Também precisa de aladim porque só de noite é que pode dar aula pros grande que trabalha de dia. Falei tudo isso pra ele, que prometeu que a FUNAI ia tomar providência e já faz mais de ano que nunca mais vi a cara dele. Era um tal de Gedeão, se não me enganou. Prometeu e foi-se embora pra Brasília e se esqueceu do pedido e da promessa que ele fez. Nós queremos aprender ler e escrever e tirar uma conta. Aprender a ler uma conta corrente, um talão de mercadoria. Saber quanto deu a nossa castanha e a nossa borracha. Se tiremo saldo ou não. Não queremos ser mais enganado pelos marreteiro que anda aqui na nossa área. Entonce nós precisa de escola aqui dentro. Como a FUNAI não ajuda, eu quero pedir a Comissão Pro-Índio do Acre pra preparar um ou dois índio daqui do Azul pra ensinar pros outros. Queremo receber essas cartilha do Índio seringueiro, esse livro poronga de matemática do seringal e esse livro história de hoje e de antigamente, que a Comissão tá agora distribuindo nas área indígena do Acre. Nós também precisamos dessa ajuda. FUNAI pensa que ter escola é só mandar fazer casa de madeira de lei e coberta de zinco e deixar o cupim tomar de conta. É isso que eu vejo aqui na nossa área". (Antônio Cubiu)



X. Saúde

Os Kaxarari têm sido vítimas, há muitos anos, de várias espécies de epidemias viróticas, dentre as quais se destacam: a tuberculose, a pneumonia, o sarampo, a malária, a coqueluche, inflamações internas, principalmente de fígado e de baço e de muitos tipos de verminoses.

Não há nenhuma assistência de saúde dentro da área indígena do Azul por parte dos órgãos governamentais. A Ajudância da FUNAI no Acre apenas tem mandado, através de representantes indígenas, vários tipos de remédios fabricados pela CEME, que são jogados na casa-enfermaria construída e abandonada pela FUNAI. Como não existe nenhum funcionário ou atendente de saúde da Ajacre na área Kaxarari e poucos são os índios que sabem ler as bulas destes remédios, a maioria deles acabam se estragando, sem que deles se façam o devido uso. Equipes volantes de saúde só são deslocadas para o Azul, quando alguma destas epidemias matam alguns índios e quando são denunciadas nos jornais de Rio Branco. Quando adoecem, os Kaxarari são obrigados a se deslocarem por conta própria até esta cidade em busca de tratamento de saúde. Muito deles quando chegam à Rio Branco é só mesmo para não morrer à míngua, por falta de tratamento médico. A Ajacre possui um médico em seus quadros de funcionários, mas que nunca visitou a área do Azul. Quando estão em Rio Branco, queixam-se da falta de higiene e de uma boa alimentação na Casa do Índio, mantida pela Ajacre em Rio Branco, de forma que quando vêm se tratar de um certo tipo de doença, acabam contraindo outras e levando para suas aldeias. Vários representantes Kaxarari já solicitaram à Ajacre a contratação de um atendente de enfermagem para permanecer em sua área ou, por outra, que a Ajacre prepare um deles para prestar os primeiros socorros e saber ler as dosagens dos remédios fabricados pela CEME, que eles têm acesso.

Não existe uma política de saúde séria por parte da Ajacre no sentido de apoiar uma medicina preventiva entre os Kaxarari do Azul. Nenhuma equipe volante de saúde da FUNAI percorre pe-

**Sipe**

riodicamente a sua área indígena, aplicando as vacinas preventivas necessárias a saúde de seu povo. Os depoimentos abaixo dos representantes Kaxarari são bastante significativos da pouca seriedade com que esta questão da saúde tem sido até hoje tratado pela Ajacre e pela 8a. Delegacia Regional da FUNAI. Vejamos com atenção o que eles próprios denunciam:

"As doenças que mais ataca nós aqui é a tuberculose, o sarampo, a tosse braba (coqueluche), gripe e muita inflamação. Todo mundo aqui é inflamado, desde os pequenos aos grandes. Muita inflamação de fígado e de baço. Verme e tuberculose nem se fala, tem dado muito por aqui na nossa área. FUNAI não manda enfermeiro nem remédio nem nada. Aí a gente se vê obrigado a encomendar esses remédio pro marreteiro. Aqui a gente encomenda muito remédio pra inflamação pro marreteiro, como a tiaminose, o Acresin e o extrato hepático. O sarampo e a tosse braba tem matado muitas crianças daqui da nossa área. Tem dado muita tuberculose aqui dentro, pelo menos eu conheço mais de cinco daqui da Maloca que tá com esta doença, vomitando sangue. Malária tem maltratado muitos de nós aqui. Enfermeiro da FUNAI nós nunca vê por aqui por muito tempo. FUNAI gastou muito dinheiro aqui pra construir estas três casas. Fez enfermaria mas enfermeiro que é bom não veio nenhum e a enfermaria tá abandonada, o cupim é que tá tomando conta da enfermaria e da escola da FUNAI. Enfermeiro da FUNAI, quando vem aqui, é chegando num dia e indo embora no outro. Como é que ele pode dizer que tá todo mundo com saúde aqui dentro? Não tá sarado não! Tá sarado se ao menos ele ficasse aqui um mês com a gente. O chefe da Ajudança da FUNAI devia pelo menos mandar um médico aqui pra consultar todo mundo daqui. Trazer vacina pra vacinar pelo menos a criança toda daqui. Por que esse pessoal da FUNAI não vem aqui na nossa área todos os anos pra vacinar? O chefe da Ajudança reclama que vem muitos índio pra Casa do Índio de Rio Branco. Reclama que já tem muita gente na Casa do Índio

## Gripe

dio e que a FUNAI não tem dinheiro e tal. Mas é o jeito. FUNAI não dá assistência de saúde aqui na nossa área e o jeito que nós tem é ir por nossa conta mesmo pra Rio Branco". (Artur Cesar)

"Problema de doença que tem dado muito aqui é sarampo, tos se braba, tuberculose, catapora, malária e muita gripe e catarro. Nós nunca teve assistência da FUNAI aqui no Azul. Quando a gente adoece tem que ir pra Rio Branco por nossa conta mesmo, que é mais perto daqui do que Porto Velho ou Guajará-Mirim. Quando volta de Rio Branco ainda volta com gripe, uma doença do mundo ou pega sarampo de lá e traz pra cá. Chega aqui e se espalha. Esses três menino que morreram esse ano aqui (1983), morreram de sarampo que pegaram lá mesmo na Casa do Índio em Rio Branco. Como é que pode ser isso? No tempo que o Benamour era o chefe da Ajudança da FUNAI, o meu filho tava pra morrer de sarampo. Aí eu falei pro Santuka, meu genro: - Santuka, você vai em Rio Branco buscar remédio lá na FUNAI. Ele foi fiado pra Rio Branco no ônibus, pra FUNAI pagar quando ele chegasse lá e trouxesse logo o remédio. Aí o Benamour só deu esculhambação no Santuka. Ele gritou pro Santuka: - Você deixou dinheiro aqui? Por que não fez borracha pra vender? Aqui não tem dinheiro não! Nós corre pra FUNAI e ainda recebe esculhambação. Isso lá é gente! Meu filho morreu à míngua. Ele já era pai de família. Tá a meninada dele pra criar". (Antonio Caibú)

"Eu disse agora pra esse chefe novo da FUNAI: - Seu Dimas, se o senhor não quer ver nós tudo aqui na Casa do Índio, o senhor bote um enfermeiro lá no Azul ou por outra mande preparar um de nós mesmo pra ser enfermeiro lá na nossa área. Porque a gente não faz questão de andar em Rio Branco não. Nós não vem aqui pra passear não! O senhor sabe que não tem nenhum enfermeiro da FUNAI na nossa área. O senhor não pode achar ruim que eu chegue com 10 ou 12 ín-

## o Sipe

dio doente. Nós não tem assistência de saúde na nossa área. Porque a FUNAI nunca mandou buscar doente não. Quando a gente adocece tem que procurar as melhora por nossa conta mesmo. Pegando uma carona, pagando passagem de ônibus, gastando o dinheirinho da gente mesmo pra chegar na cidade. Se tamo doente o jeito que tem é viajar logo pra Rio Branco, enquanto tem força pra caminhar 10 ou 12 hora de caminhada pra chegar na BR. Assim é que é a nossa luta aqui no Azul". (Antônio Cubiu)

### XI. A Situação Atual das Terras dos Kaxarari

Mesmo depois do tempo das "correrias", cuja consequência maior foi o deslocamento, a depopulação e a expropriação das terras indígenas, os Kaxarari continuaram vivendo em partes dos seus antigos territórios. A ocupação seringalista e caucheira, segundo depoimentos de velhos Kaxarari, ocorreu principalmente nas áreas de seu antigo território, que eram ricas em caucho, seringa e castanha:

"Onde tinha caucho e seringa, onde tinha castanha, os brancos tomaram tudo na bala doido". (Antônio Caibú)

De 1910 para cá, os Kaxarari mudaram-se das cabeceiras do Curquetê, afluente do Ituxy, onde foram localizados por Masô, para as margens e centros do rio Aquiry e, mais recentemente, para as águas do rio Azul e seus afluentes Barrinha e Maloca. Vivendo, portanto, em partes de seus antigos territórios, que lhes garantem hoje a imemorialidade de suas terras.

Com a passagem da BR-364 (no trecho Porto Velho à Rio Branco) nas proximidades de suas moradias e as posteriores tentativas de venda das terras cortadas por esta rodovia federal, para fazendeiros do sul ligados à agropecuária, os Kaxarari ficaram temerosos de perder o pouco das terras que ainda ocupavam de seus antigos habitat.

Vendo as suas antigas terras serem cortadas por picadas

## Diário

demarcatórias das fazendas estabelecidas na região, em meados da década de 1970, as lideranças Kaxarari procuraram os responsáveis da 8a. Delegacia Regional da FUNAI, localizada em Porto Velho (RO), solicitando a urgente delimitação de sua área indígena. No que foram atendidos anos mais tarde, mais precisamente em 1978, quando uma equipe da FUNAI de Brasília, constituída por um antropólogo e um engenheiro agrimensor, realizou a primeira delimitação de suas terras.

Os limites da área Kaxarari (vide mapa em anexo) foi então definido pela equipe da FUNAI, levando-se em conta a imemorialidade de suas terras, a ocupação de suas estradas de seringa e castanhais, áreas de caça e pesca e lugares míticos-religiosos, como seus antigos cemitérios. Desde então nenhuma providência concreta foi tomada para a demarcação efetiva da área Kaxarari.

De 1978 a 84 os limites da reserva Kaxarari sofreram as seguintes modificações:

- a) diminuição da parte sul da área originalmente delimitada pela FUNAI, em 78, sob a alegação que estas terras faziam parte de títulos definitivos do antigo seringal Piquiã, de propriedade dos herdeiros do Sr. Otávio e Francisco Reis. As colocações de seringa, Maloca e Barrinha, abertas e ocupadas exclusivamente por índios, que na primeira delimitação faziam parte das terras dos Kaxarari, agora estão localizadas fora da área indígena;
- b) houve também a diminuição na parte norte da reserva. Na primeira delimitação os limites passavam pelo igarapé Limão, agora passa pelo igarapé Calacaiã, diminuindo outro tanto da área Kaxarari.

Os representantes Kaxarari, que na primeira delimitação opinaram em relação aos limites de sua área indígena, contestaram estas sucessivas reduções de sua reserva:

"A FUNAI veio aqui duas vezes pra marcar a nossa terra. Primeira vez marcaram apenas no papel e foram logo embora, não apareceram mais. Passado dois ano veio gente da FUNAI pra marcar de novo a nossa terra. Tiraram as terras do

**Sipec**

igarapê Limão ao igarapê Calacaiã. Tiraram a parte do igarapê Barrinha ao igarapê Maloca. FUNAI diz que estas terras já não é mais nossa. Diz que a nossa terra agora é do Azul pra dentro. A colocação do meu filho Paulo, na Barrinha, já ficou de fora da nossa terra. E foi ele mesmo que abriu esta colocação com o trabalho dele. Isso é que me dano! FUNAI diz agora que essa terra é do Chico Reis, que o Chico Reis tem título dessa terra. Esse Chico Reis não tem nada aqui. O pai dele, o Otávio Reis, que já morreu, mandou meter muita bala nos caboclo daqui pra tomar a nossa terra na força, na bala doido. Chico Reis não tem nada aqui. Dizem intê que já vendeu uma parte da nossa terra pras esses fazendeiro de fora. Nossa terra é bom de marcar logo. É só pelas águas (limites naturais). Mas FUNAI intê agora não marcou nada, só fica prometendo e acabar ainda fica diminuindo a nossa terra. Será que é certo isso?".

(Antônio Caibú)

Enfim, os Kaxarari estão perdendo as suas terras. As sucessivas delimitações de sua reserva, realizadas pela FUNAI, têm sido feitas no sentido de reduzir ainda mais a sua área indígena. Os Kaxarari além de não aceitarem a diminuição de sua área, ainda reivindicam a ampliação da parte leste da reserva, com a inclusão das terras compreendidas pelo rio Azul e Marmelinho, que são os formadores do Marmelo. Trata-se de uma área, não incluída nas delimitações até agora realizadas pela FUNAI, que é muito rica em caça e pesca e aonde estão localizadas muitas castanheiras e seringueiras nativas, que são as principais fontes de renda do povo Kaxarari:

"Nós quer que a nossa área vá até a boca do Azul com o Marmelinho e daí subir o Marmelinho até fechar com a nossa área mais em cima. É uma parte da nossa terra, que a FUNAI nunca marcou, mas que tem muita caça, pesca e de muita seringa e castanha".

(Antonio Cubiu)

Em suma, os Kaxarari reivindicam uma nova delimitação de

## Ofício

sua área indígena, sem a exclusão das partes sul e norte de sua reserva e ainda com a ampliação das terras compreendidas entre os rios Azul e Marmelinho a leste. Querem que suas terras sejam demarcadas segundo o critério de maior número possível de limites naturais. Propõem uma nova delimitação de suas terras, que leve em conta as opiniões de todos os Kaxarari, que conhecem muito bem os limites naturais de sua área indígena. É o que se depreende do discurso de um dos representantes Kaxarari da facção da Barrinha. Diz ele, ouvindo os conselhos dos mais velhos Kaxarari:

"É como diz o seu Artur, que é um índio velho daqui. Aqui não precisa de divisão da nossa terra, porque a divisão já tá nas águas. Nossa terra é bom de marcar só pelas águas dos rios e igarapês, mas isso a FUNAI não tá fazendo porque não conhece a nossa terra. Quem conhece bem a nossa terra é nós tudo daqui. FUNAI pra marcar terra tem que ouvir os índio daqui. Nós sabemos aonde é a nossa terra. É tudo pelos divisor das águas". (Antônio Cubiu)

A área dos Kaxarari com 85.000 ha. abrange as águas do igarapé Macurenem, afluente do Ituxy e do rio Azul e Marmelinho. formadores do Marmelo. Uma parte da área está localizada no Estado de Rondônia e a outra parte no Amazonas:

"Nossa terra fica nas cabeceiras do rio Marmelo. Justamente esse Azul e o Marmelinho, quando se junta forma o rio Marmelo. O Marmelo bota no Abunã e o Abunã bota no rio Marmelão. Nossa terra é lá pros altos, nas cabeceiras do Marmelo. Pega também as águas do igarapé Macurenem, que bota no rio Ituxy. Uma parte de nossa terra tá em Rondônia e a outra parte no Amazonas. As águas do Azul e Marmelinho fica em Rondônia e as águas do Macurenem no Amazonas".

(Alberto César)

Para os Kaxarari a sua área é ambicionada por muitos fazendeiros estabelecidos ao longo da BR-364 e, por ainda não está invadida, reivindicam a urgente demarcação de suas terras. Para eles a demarcação de sua área é importante pelo menos para

## Sipe

evitar futuras invasões de colonos do sul, que já estão ocupando o baixo curso do rio Marmelo:

"Por enquanto a nossa terra não tá muito invadida de branco, cariu como se diz aqui. Por enquanto tá ainda sem risco. E poderá mais adiante chegar pelo Marmelo. Os colonos do sul tão começando a chegar pelo Marmelo acima. O INCRA tá começando a cortar tudo por lá. Mas, por enquanto tá longe ainda da nossa terra. Dentro da nossa terra sô tem intê agora duas família de seringueiro, a do Carlos Velho e a do Nogueira. Mas eles são uns coitado também. Vive trabalhando igualmente a nós. Não são fazendeiro, não são patrão nem colono do sul nem nada. Vive trabalhando na seringa e na castanha pra sustentar a família deles. São pobres também que nem nós. A nossa terra é boa de marcar logo porque não tem muita confusão, não precisa pagar indenização nem nada. Por que a FUNAI não marca logo a nossa terra? Será que tá esperando encher de cariu pra depois marcar? A hora é agora, que não tá ainda invadida. E o que será de nós sem esse nosso pedaço de terra? Do que é que nós vai viver?" (Santuka)

Os Kaxarari estão ainda muito preocupados com os garimpeiros de Rondônia, que estão minerando nas águas do rio Madeira, mas que já andaram pesquisando dentro de sua área, particularmente no Azul e seus principais afluentes. Recentemente expulsaram vários garimpeiros que chegaram em sua área, se dizendo funcionários da FUNAI:

"Um dia desse chegou aqui muito garimpeiro me perguntando aonde é que tem ouro, me chamando pra ir procurar ouro com eles. Eu disse pra eles: - Rapaz, eu não sei não. Negócio de ouro eu não conheço não. Eles disseram: - Não tem nada não, você leva nós lá pra dentro, que nós conhece ouro. Você leva nós lá pros igarapé, que tem ouro aqui. Nós paga você muito bem pra ajudar nós a procurar ouro nessas mata, ensinar os caminhos. Eu fui e disse pra eles: - Rapaz, eu não sei não. Eu sei negócio de cortar seringa, de casta-

**Diálogo**

nha. Fazer estrada de seringa eu sei, é pela rama. Agora ensinar os ponto de castanha eu também sei. Agora negócio de ouro eu não sei não. Diz que negócio de ouro é debaixo da terra. Debaixo da terra que eu conheço é toca de tatú. Diz que é dentro de igarapé que tem ouro. Dentro de igarapé nós só conhece peixe. Nós não deixamos eles entrar e eles foram embora. Depois veio outra locada de garimpeiro lá de Porto Velho. Chegaram e me convidaram pra eu ir junto com eles atrás de ouro. Eu disse pra eles: - Rapaz, eu não vou não porque eu tô velho, tô cansado e minha vista tá curta pra andar assim no mato, no serrado, não dá pra ver não. Os garimpeiro me disseram: - Você só precisa tirar o rumo, que nós encontra muito ouro aqui dentro. Nós paga muito dinheiro pra vocês, traz mercadoria pra vocês, nós faz pista de pouso pra vocês. Aí eu disse pra eles: - Eu não vou não, vou é na FUNAI dá parte de vocês. O outro rapaz depois contou: - Esses garimpeiro onde acha ouro eles matam a gente. Lá você vai morrer ou pegar malária. Aí eu mandei uma carta lá pra delegacia de Porto Velho e uma carta pra Ajudança de Rio Branco. Aí eles mandaram dizer pra não deixar os garimpeiro entrar aqui dentro da nossa terra. Aí nós mandamo os garimpeiro ir embora tudim".  
(Antônio Caibú)

Os Kaxarari também têm consciência da importância deles próprios ocuparem produtivamente a sua área indígena, abrindo estradas de seringa, piques de castanha e colocando grandes roçados. Só assim garantirão a posse de suas terras e poderão melhorar as suas condições de vida. É o que se percebe no discurso abaixo de um de seus representantes:

"Nós tem que zelar pela nossa terra. Tem que colocar benfeitoria. Colocar muito roçado, abrir os piques de castanha e colocação de seringa. Nossa terra é muito boa pra plantar. Tem muita castanha e muita seringa. Se nós não zelar a nossa terra como é que podemos dizer que é nossa. Pra zelar a nossa terra nós precisa de ajuda".  
(Alberto Cesar)

## **Sipe**

Além da correta demarcação de sua área, os Kaxarari reivindicam projetos econômicos que lhes possibilitem substituir os pequenos marreteiros locais, que lhes aviam mercadorias a preços exorbitantes e ainda pagam abaixo do preço mínimo, estabelecido pela Sudhêvea, as suas produções de borracha e de castanha:

"Agora se a FUNAI demarcar a nossa terra do jeito que é pra ser, pelos divisor das águas. Se arranjar projeto pra nós poder fazer a nossa safra de castanha e a nossa borracha por nossa conta mesmo, sem os marreteiro daqui. Se tiver uma pessoa pra cuidar da saúde da gente aqui, dar remédio quando adoce e quando não der jeito aqui mandar pra Rio Branco. Se a FUNAI fizer tudo isso aí eu digo que a nossa vida ia melhorar muito. Mercadoria nós não ia comer de graça não. Nós tem produto e muito pra pagar. Só que com marreteiro não dá. Só que com marreteiro não dá mesmo pra trabalhar. Marreteiro vendi mercadoria muito caro e ainda paga baixo o preço da nossa castanha e da nossa borracha. Pois bem, se a FUNAI fizer isso, demarcar a nossa terra direito e der condições pra nós trabalhar na nossa terra por nossa conta mesmo, nós ia melhorar muito. E se não acontecer nada disso, vai tudo se acabar. O que sobrou dos Kaxarari vai se acabar". (Antônio Cubiu)

## XII. Projetos de Desenvolvimento Comunitário

No início de 1983 os Kaxarari do Azul receberam o primeiro projeto econômico da FUNAI, incluído no "Plano de Apoio Extrativista às Comunidades Indígenas do Acre", elaborado pela AJACRE/ASPLAN/FUNAI, no valor de Cr\$ 2.412.750,00 (dois milhões quatrocentos e doze mil, setecentos e cinquenta cruzeiros). Os recursos destes projeto foram assim distribuídos:

## Orçamento

1. Aviamento	
- cantina reembolsável (mercadorias) ....	Cr\$ 1.000.000,00
- combustível .....	56.000,00
Sub-Total .....	1.056.000,00
2. Equipamentos para extração do látex	
- vasilhame, facas e tigelas de seringa, baldes etc.....	261.000,00
3. Material para casa de farinha	
- motor de 3 Hp .....	70.000,00
- caltitú .....	5.000,00
- chapa para forno .....	15.000,00
Sub-Total .....	90.000,00
4. Materiais e equipamentos diversos	
- cabo de aço 3,8 .....	25.000,00
- motor de 10 Hp .....	200.000,00
- barco de 3 toneladas .....	300.000,00
- barco de 1 tonelada .....	100.000,00
Sub-Total .....	625.000,00
5. Animais de carga .....	
	400.000,00
TOTAL GERAL .....	Cr\$ 2.412.750,00

Este projeto da FUNAI foi imposto de cima para baixo, sem nenhuma participação ou discussão séria com os índios da comunidade do Azul. Nada foi combinado anteriormente entre os Kaxarari e os funcionários da AJACRE/FUNAI sobre "o que fazer" e "como fazer", que deveria nortear todo projeto de desenvolvimento comunitário. Tudo já veio pronto e decidido de Brasília, de acordo com os padrões estabelecidos pelos técnicos da ASPLAN sem a participação direta dos índios. Os Kaxarari não foram sequer informado da disponibilidade dos recursos deste projeto, que beneficiaria sua comunidade.

## **Sipe**

Uma parte dos recursos deste projeto foi desviada pela AJACRE, correspondendo ao valor de Cr\$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros) dos dois barcos que não foram entregues aos Kaxarari. Os representantes indígenas ainda acusaram um chefe de posto da AJACRE/FUNAI de ter se apropriado indevidamente de Cr\$ 54.000,00 (cinquenta e quatro mil cruzeiros) durante as compras das mercadorias da "cantina reembolsável", no comércio de Rio Branco.

A maneira irresponsável como foi encaminhado este projeto da FUNAI, em vez de contribuir para ajudar aos Kaxarari a ocupar produtivamente as suas terras e a melhorar as suas condições de vida, tornando-se mais independentes dos pequenos mercados locais, que os tem duramente explorados, serviu apenas para acirrar um forte faccionalismo interno na comunidade do Azul. Durante os primeiros meses de 83, vários representantes das duas facções Kaxarari estiveram constantemente na sede da AJACRE e da polícia federal de Rio Branco, acusando-se mutuamente de "ladrão das mercadorias da FUNAI", "protegidos dos marreteiros", "preguiçosos", "desunidos", "de querer ser patrão de todos os índios", "irresponsáveis" etc...

A disputa entre as facções Kaxarari transcendeu, portanto, o cenário da comunidade local, manifestando-se na cidade de Rio Branco. Acusações recíprocas e fofocas, manipuladas por funcionários da AJACRE, invariavelmente terminavam sendo discutidas na delegacia de polícia. Uns acusando os outros de manipular com a administração da AJACRE para conseguir medicamentos e mercadorias da FUNAI apenas em benefício dos membros de suas respectivas facções.

É importante colocar também, por outro lado, que o faccionalismo Kaxarari é muito anterior, remontando ao tempo em que viviam em aldeias tradicionais distintas, mas que só se tornou acirrado e, portanto, visível, devido a irresponsabilidade da AJACRE em administrar corretamente o referido projeto.

As duas facções Kaxarari têm como representantes os dois índios mais velhos do Azul, o Antônio Caibū, de um lado, e o

**Sipe**

Artur César, do outro. Cada uma delas é formada pelos filhos, filhas, genros, noras, netos e netas destes dois velhos Kaxarari. A facção do velho Antônio Caibú acusando a do velho Artur César de ter retirado as mercadorias depositadas na sede da AJACRE e de não ter divididos entre todos os índios, beneficiando apenas os seus próprios membros. Este faccionalismo acirrado entre eles praticamente dividiu ao meio a população Kaxarari do Azul, já que os membros da facção do velho Artur César conta com 48 índios, dos 93 residentes dentro da área do Azul, segundo o censo realizado pela CPI-Acre em 83.

Diante desta situação de forte divisão interna e de desconfiança mútua entre as duas facções Kaxarari, seus representantes decidiram, mediante a intermediação de membros da CPI-Acre, dividir o restante das mercadorias do projeto da FUNAI em partes iguais. Esta decisão foi bem aceita pelos líderes das duas facções e contribuiu decididamente para melhorar as relações entre eles próprios.

Por solicitação das lideranças das duas facções Kaxarari do rio Azul dois representantes da CPI-Acre, o antropólogo Terri Vale de Aquino e o indigenista Antônio Luis Macedo, visitaram por duas ocasiões diferentes a área Kaxarari, com a finalidade de fazer um levantamento da situação atual deste povo indígena e de discutir com todos eles a possibilidade de implantação de um projeto de cooperativa de produção e consumo, que lhes possibilitasse concretamente, e sem maiores conflitos entre eles, a ocupação produtiva de sua área indígena.

Após muitas discussões entre todos os índios das duas facções Kaxarari e os representantes da CPI-Acre, decidiu-se escrever o projeto de cooperativa e encaminhá-lo diretamente à Fundação Oxfam da Inglaterra, que já tem ajudado, com projetos de desenvolvimento comunitário deste tipo, várias comunidades indígenas do Acre e do sul do Amazonas.

A novidade deste projeto de cooperativismo é que ele seria administrado diretamente pelas próprias lideranças das duas facções Kaxarari e apenas assessorado pela CPI-Acre, entidade

## Objetivo

responsável pelo seu acompanhamento, através de relatórios periódicos sobre as atividades desempenhadas pelos índios, com os recursos encaminhados pela agência financiadora.

Assim em setembro/83, os Kaxarari receberam os primeiros recursos de seu projeto de cooperativa, no valor de Cr\$. 2.200.000,00 (dois milhões e duzentos mil cruzeiros). Como cada facção deveria administrar a sua própria cooperativa, por decisão dos próprios Kaxarari, estes recursos foram divididos em partes iguais, cabendo, portanto, a cada uma o valor de Cr\$. 1.100.000,00 (um milhão e cem mil cruzeiros). A divisão dos recursos do projeto em partes iguais era a única maneira de evitar novos conflitos entre eles. E qualquer projeto econômico que não levar em conta esta divisão interna entre as facções Kaxarari redundará em fracasso e criará apenas conflitos entre os índios do Azul.

### Objetivos do Projeto de Cooperativa

#### Gerais:

- a) Além de substituir os pequenos marreteiros da Br-364 em suas transações econômicas com os índios, sempre desvantajosas para estes, o projeto de cooperativa de produção e consumo pretende servir como um instrumento que organize melhor os Kaxarari na luta pela posse definitiva de suas terras. A luta pelas terras indígenas da Amazônia Ocidental passa necessariamente pela ocupação produtiva de suas áreas.
- b) Ocupando produtivamente a sua área indígena, os Kaxarari terão mais argumentos e mais forças para exigir os direitos de posse de suas terras, inclusive, de reaver partes de sua área indígena que foi diminuída pelas sucessivas delimitações realizadas pela FUNAI, sem o consentimento e o consenso de todos os índios residentes no Azul.

#### Específicos:

- c) Dar condições aos Kaxarari para eles próprios produzirem tudo aquilo que podem plantar em seus roçados, diversificando

## Sipe

a sua agricultura tradicional e reduzindo a dependência dos marreteiros locais, que lhes abastecem de todos os tipos de mercadorias, desde alimentos como a farinha, o arroz, o milho, o feijão, o açúcar etc., até tecidos, miudezas, remédios e estivas em geral. Sem roçados suficientes para alimentar todas as suas famílias, os Kaxarari não terão condições de romper com a forte dependência dos marreteiros locais e de realizarem por conta própria as suas futuras safras de borracha e castanha.

- d) Abrir ramais e varadouros que ligam as colocações de seringa e piques de castanha entre si, facilitando o escoamento de suas produções extrativistas dos centros das matas até às margens do rio Azul e daí até a Br-364.
- e) Reabrir as estradas de seringa e piques de castanha existentes dentro de sua área indígena.
- f) Abastecer os sócios de suas cooperativas com as mercadorias e os instrumentos de trabalho necessários à realização da safra de borracha e castanha. Reunir todas as suas produções extrativas no final da safra para vendê-la conjuntamente na cidade de Rio Branco, a melhores preços. Reabastecer com novas mercadorias as cantinas de suas cooperativas, possibilitando uma relativa autonomia econômica dentro de sua reserva indígena.
- g) Dar condições aos Kaxarari de disporem de seus próprios meios de transporte (batelões e comboios de burros) para escoarem por conta própria as suas produções agrícolas e extrativas até às margens da Br-364.

Os recursos desta primeira ajuda do projeto de cooperativa foram empregados basicamente na compra de mercadorias (estivas, armas e munições, miudezas e tecidos), instrumentos de trabalho (terçados, machados, enxadas, facas de seringa, tigelinhas de seringa, baldes etc.) e sementes selecionadas (arroz, milho, feijão e capim). Esta primeira ajuda, no valor de Cr\$ 2.200.000,00 (dois milhões e duzentos mil cruzeiros), foi empregada fundamentalmente na diversificação de sua agricultura de subsistência.

## **Bipec**

A partir daí todos os Kaxarari do Azul tiveram condições de plantar grandes roçados e estão hoje em dia produzindo os alimentos que anteriormente eles compravam dos marreteiros. O depoimento abaixo de um representante da comunidade Kaxarari dá bem uma idéia desta primeira etapa de seu projeto de cooperativa, assessorado pela CPI-Acre:

"Com a primeira ajuda que recebemo da Comissão Pró-Índio do Acre nós plantemo muita roça braba pra fazer farinha, macaxeira, muito arroz, milho, banana, cana, feijão, batata, cará, taioba e abacaxi. Tudo que se planta nos roçados nós plantemo dessa vez. Vamo acabar com a fome aqui dentro da nossa área. Porque, você sabe, o camarada botando roçado grande a pouca produção de borracha e castanha que sair daqui já é saldo. Vamos deixar de comprar esses alimento dos marreteiro que entra aqui na nossa área. Esse ano de 83 faltou de tudo aqui dentro, intê farinha de Cr\$ 12.600,00 o panciro, nós compremo dos marreteiro. Então eu acredito que para o ano nós já tem farinha pra vender. Se é de comprar, nós já temo farinha pra vender. Já temo muito milho plantado. Milho prá nós comer verde, pra dar pra criação e intê pra vender. Em vez de comprar um quilo de feijão por Cr\$ 800,00 do marreteiro, nós já tem feijão pra vender por Cr\$ 400,00 o quilo. Nós já tem agora também muito arroz plantado. Compremo com esta primeira ajuda que recebemo da Comissão Pró-Índio muita semente selecionada de arroz, milho e feijão. Então eu acho, que uma terra tão rica como essa nossa e nós viver todo tempo comprando intê alimento dos marreteiro não é possível isso continuar. A situação era tal que se o marreteiro não entrasse aqui dentro nós não podia trabalhar, porque não tinha mercadoria nem roçado suficiente. Então nós tem de plantar de tudo pra se livrar dos marreteiro. Então botar grande roçados foi o que fizemo com esta primeira ajuda que recebemo do nosso projeto de cooperativa". (Antônio Cubiu)

## **Diário**

31

"Acabar com a fome" dentro de sua área foi a primeira meta que se atingiu com este projeto assessorado pela CPI-Acre e financiado pela agência Oxfam da Inglaterra. Para tal cada uma das cooperativas das duas facções Kaxaruri realizaram as seguintes atividades produtivas:

- A. Cooperativa da Barrinha: (facção do velho Artur César)
- a) colocaram um roçado de 16 hectares de terra, onde plantaram, sobretudo, mandioca mansa e braba, milho, banana, carã, taioba, cana, arroz e todo tipo de legumes. Cada sócio da cooperativa da boca do igarapé Barrinha pode se abastecer deste roçado coletivo. A lavoura plantada é mais do que suficiente para abastecer o consumo de todos eles e suas famílias durante o ano de 84;
  - b) ainda colocaram um pequeno roçado numa colocação de seringa central, com aproximadamente 2 hectares de terra;
  - c) abriram 6 Km de varadouros com 2 metros de largura, adentrando a área indígena em direção às colocações centrais de seringa e castanha;
  - d) construíram 500 metros de cerca de arame farpado para a formação de um pasto de 2 hectares de capim - braquiara e gordura - plantado em Outubro/83 e que já está sendo usado para alimentar os burros adquiridos com a segunda ajuda do projeto de cooperativa;
  - e) construíram um pequeno depósito, onde funciona a cantina de sua cooperativa, feita de paxiúba e coberta de palhas de baçaú;
  - f) construíram um paiol com materiais da região (paxiúba e palha de buriti) para armazenar as castanhas coletadas durante a safra de 84;
  - g) construíram ainda duas novas casas de moradia para os sócios da cooperativa;
  - h) reabriram suas estradas de seringa e ainda produziram 400 Kg de borracha, que foi vendida diretamente a um dos comerciantes fortes da Br-364, sem a intermediação dos pequenos marreteiros locais;

## Sipe

5.2

i) a contabilidade da cooperativa está bem organizada. Cada sócio recebe os seus talões de mercadorias na hora que fazem as suas compras na cantina e as notas do peso de suas produções de borracha e castanha, quando as entregam à sua cooperativa. Esse é um aspecto muito positivo para os Índios Kaxarari, pois marca a diferença do movimento de sua cooperativa do "tempo de cativo" dos "patrões" seringalistas e marreteiros, que sempre tem recusados a apresentar as "contas correntes" dos Índios seringueiros-castanheiros, apresentando apenas dívidas infundáveis com eles;

### B. Cooperativa do Azul: (fação do velho Antônio Caibú)

Já os Kaxarari da cooperativa do Azul desenvolveram as seguintes atividades produtivas com esta primeira ajuda de seu projeto:

- a) colocaram um roçado com aproximadamente 8 hectares, onde plantaram toda espécie de legumes, sobretudo, mandioca mansa e braba, arroz e milho;
- b) colocaram ainda quatro outros roçados nas colocações de seringa dos "centros" do seringal, para atender as necessidades de subsistência das famílias que ali vivem e trabalham, cortando seringa e coletando castanha;
- c) construíram duas novas casas, construída com materiais da região, para melhorar as condições de moradia da aldeia Maloca do rio Azul, substituindo as velhas barracas de pau a pique e de paxiúba e palha de buriti;
- d) plantaram e cercaram, com arame farpado, dois hectares de pasto de capim gordura e braquiara, para alimentar os seus animais de carga ou de comboio, quatro cavalos e quatro burros, adquiridos com a complementação e continuidade deste projeto financiados, a fundo perdido, pela Fundação Oxfam, dentro de um espírito de solidariedade com a situação atual das populações indígenas do Acre e do sul do Amazonas;
- e) reabriram também as suas estradas de seringa e ainda produziram 415 quilos de borracha, vendidas aos comerciantes fortes da Br-364, sem a intermediação dos pequenos marreteiros.

## **Ofício**

Como se vê pela leitura acima das atividades desenvolvidas pelas cooperativas Kaxarari, não se trata de um projeto paternalista, aonde os índios comem as mercadorias, adquiridas pelo projeto, deitados em suas redes, mas de instrumento de organização da ocupação produtiva da área indígena, pelos próprios Kaxarari.

A principal idéia deste projeto é a de que, através da ocupação produtiva de suas terras, os Kaxarari poderão garantir a posse efetiva dos seringais e castanhais existentes dentro de sua área indígena. Assegurando a demarcação de fato e de direito de suas terras e impedindo as futuras invasões de sua reserva. As benfeitorias que os Kaxarari colocam em suas terras são as garantias que dispõem para assegurar a demarcação administrativa de sua área indígena.

Este projeto não pode ser classificado de paternalista, como dissemos acima, porque permitiu aos Kaxarari colocarem grandes roçados, abrirem suas estradas de seringa e produzirem borracha e coletarem castanha. Também permitiu aos Kaxarari abrirem novas colocações de seringa e pontos de castanha e ainda zelarem pelos ramais e varadouros existente dentro de sua área. Os depoimentos dos representantes Kaxarari, abaixo, ressaltam a importância deste projeto econômico para as comunidades do Azul e da Barrinha:

"A primeira ajuda do nosso projeto de cooperativa foi de Cr\$ 2.200.000,00 que foi dividido igual pros índios do Azul e pros da Barrinha. Compramo mercadoria tudo junto lá em Rio Branco e troxemo aqui pra nossa terra. Mercadoria mais barata do que dos marreteiros e comerciantes aqui da rodagem (Br-364). Esta primeira ajuda do nosso projeto nós não comemo deitado não, como muita gente pensa. Por causa dessa ajuda nós podemos botar grandes roçados aqui dentro da nossa área esse ano. Plantemo todo tipo de legume. Agora não precisa comprar mais farinha e nem arroz dos marreteiro. Fizemo dois pastos de capim braquiara e gordura, um aqui e outro lá na Barrinha. Abrimo as nossa estrada de se

## Pique

ringa e piques de castanha. Esta primeira ajuda ajudou muito nós aqui". (Santuka)

Em Janeiro de 84, os Kaxarari receberam novos recursos da Fundação Oxfam para consolidarem o movimento de suas cooperativas e realizarem, por conta própria e independente dos marreteiros locais, a safra de castanha deste no. Esta segunda ajuda, no valor de Cr\$ 5.500.000,00 (cinco milhões e quinhentos mil cruzeiros), foram empregados na aquisição de oito burros, animais de carga e transporte de borracha/castanha, em novas mercadorias e instrumentos de trabalho necessários a realização da safra de castanha, que se iniciava.

Graças a esta complementação de seu projeto, os Kaxarari coletaram nesta safra de 84 mais de três mil latas de castanha, que foram comercializadas com os comerciantes fortes da Br-364, a melhores preços do que se fossem vendidas aos pequenos marreteiros locais.

Dispondo de tropas de burro e de mercadorias, os Kaxarari deixaram de arrendar os seus pontos e piques de castanha aos pequenos marreteiros, coco anteriormente vinham fazendo. Coletaram, por conta própria, 3 mil latas de castanhas, que foram vendidas aos comerciantes fortes da Br-364.

Com o dinheiro arrecadado com a venda da castanha, os Kaxarari investiram integralmente dentro de sua área. Compraram novas mercadorias para as cantinas de suas cooperativas, adquiriram três motores de rabetas e dois barcos de 2 e 3 toneladas para o transporte de suas produções de borracha e de castanha pelo rio Azul, durante os meses de inverno. Compraram ainda uma máquina peladeira de arroz para beneficiamento deste produto agrícola. Um representante Kaxarari da cooperativa da Barrinha faz a seguinte avaliação do projeto:

"A primeira ajuda que recebemo do nosso projeto foi de Cr\$ 2.200.000,00. Repartimo a metade pra cada cooperativa. Com esse dinheiro nós compreimo mercadoria, instrumento de trabalho e sementes de arroz e milho. Com esta ajuda nós fizemo serviço de roçado, construção de barracas novas, de



pósito de mercadoria e os paiol pra guardar as castanha que juntemo na mata. Colocamo roçadão grande. Plantemo pagto de capim. Fizemo depósito pra guardar as mercadoria. Em Janeiro desse ano (1984) nós recebemo a segunda ajuda do nosso projeto. Recebemo Cr\$ 5.500.000,00 por intermédio da Comissão Pro-Índio do Acre. Dividimo a metade pra cada cooperativa como fizemo com a primeira ajuda. E pra depois não ter confusão entre a gente mesmo, como aconteceu com o projeto da FUNAI do ano passado. Você sabe como é, né? O pessoal do velho Caibú não se dá com o pessoal do seu Artur César. Um não confia no outro, por isso é melhor mesmo separar os negócios. Com esta segunda ajuda nós compreimo 8 burros, quatro animal pra cada cooperativa e ainda compreimo mais mercadoria pra trabalhar sossegado na castanha. Com essa segunda ajuda melhorou muito. Muito mesmo! Ninguém esperava tanta melhora como aconteceu aqui. Só nessa safra desse ano quebreimo tudo junto mais de 3 mil lata de castanha. Vendemo toda essa castanha para os comerciantes forte da Br., que paga melhor preço pela nossa castanha que os marreteiro daqui. Com o dinheiro da nossa castanha nós compreimo nova mercadoria pra nossa cooperativa, compreimo três motor de rabeta e dois batelão. Tudo isso nós compreimo com a nossa castanha. Se deus quizer nós agora vamo pra frente. Tamo muito satisfeito e acredito que dá pra gente tocar o nosso trabalho aqui sem se sujeitar aos marreteiro, que tem roubado muita gente aqui. Com a venda da nossa castanha e da nossa borracha nós ganhemo crédito com os comerciantes forte da Br., que avia esses marreteiro. Ganhemo crédito intê dos comerciante de Rio Branco. Agora tamo com condição de vender a nossa produção e comprar mercadoria mais em conta do que com esses marreteiro daqui". (Antônio Cubiu)

## Sipe

Através da implantação deste projeto de suas cooperativas, os Kaxarari não só ocuparam produtivamente a área indígena, como também diminuíram a alta taxa de exploração que há muito tempo os pequenos marreteiros da Br-364 tinham assegurada.

Os Kaxarari ainda vão receber como terceira e última ajuda deste projeto financiado pela Oxfam a importância de Cr\$ ..... 7.400.000,00 (sete milhões e quatrocentos mil cruzeiros), em fins de 84 e desta forma assegurar a continuidade do movimento de suas cooperativas de produção e consumo.

Rio Branco, Junho de 1984.



BIBLIOGRAFIA

---

- AQUINO, Terri Valle - "Demarcação que é bom, nada", Aconteceu/Povos Indígenas no Brasil - Cedi/SP - (1982).
- AQUINO, Terri Valle - "Relatório de Acompanhamento e Complementação do Projeto Kaxarari" - manuscrito (1983), CPI-Acre.
- CRUVINEL, Noraldino - "Relatório de Delimitação da Área Kaxarari do rio Azul" - FUNAI/BSB - (1978).
- GAULIK, Pe. Pedro Maria - "Relatório sobre a Situação dos Kaxarari da Br-364" (1975) encaminhado à FUNAI - manuscrito.
- MACEDO, Antônio Luis - "Relatório de Acompanhamento do Projeto Kaxarari" - manuscrito (1984) - CPI-Acre.
- MASÓ, João Alberto - "Os Índios Cachararys" - Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro - Tomo XXII e XXIV pp. 98 a 100 (1909 a 1911).
- MAPA DO ESBOÇO DA ÁREA KAXARARI - AJACRE/FUNAI - s/d.
- MAPA DA ÁREA INDÍGENA KAXARARI - Processo FUNAI/BSB/Nº 1278-1979.
- MEIRELLES, José Carlos e AQUINO, Terri - Projeto Kaxarari (1982) CPI-Acre.
- MEIRELLES, José Carlos e AQUINO, Terri - Entrevista Gravada com as Lideranças Kaxarari do rio Azul/Barrinha (1981) - CPI/Acre.
- JORNAL GAZETA DO ACRE - "Kaxarari denunciam invasão de marreteiros" (1979) Rio Branco/Acre.





PRINCIPAIS REIVINDICAÇÕES KAXARARI - RESUMO

---

Betty Mindlin  
Agosto/84

1. Terras

Demarcação imediata do território, incluindo:

- a) a área ao sul do Igarapê Azul (compreendida na primeira delimitação da FUNAI feita em 1978 e cortada posteriormente, sob a alegação de que aí havia títulos definitivos), onde há colocações e estradas de seringa dos índios;
- b) a área entre os Igarapés Limão e Calacaia, que também fazia parte das terras Kaxarari na primeira delimitação e foi depois cortada;
- c) a área entre o rio Azul e o Marmelinho (que não estava na primeira delimitação), mas é importante território tribal de caça, pesca e extração de seringa e castanha.

A demarcação é urgente diante do Projeto de Colonização Marmelo, planejado para 1985, do Polonoroeste, e do asfaltamento próximo da rodovia Porto Velho-Rio Branco, que fatalmente originará invasões.

2. Saúde

Assistência médica e vacinação, que não têm recebido até agora, quer na área quer na cidade. É urgente o combate à malária, à tuberculose, sarampo, gripes, pneumonias e outras doenças infecciosas.

3. Economia

Os Kaxarari reivindicam recursos para projetos econômi-

## **Sipec**

cos que os tornem independentes do sistema de comercialização existente, em que são explorados tanto na venda como na compra de produtos pelos marreteiros locais, por sua vez submetidos aos comerciantes da estrada e aos comerciantes urbanos. Um projeto econômico cooperativo como o financiado pela Oxfam em 1983/84 é um exemplo, possibilitando que a produção seja gerida pela comunidade e tenham acesso a bens de consumo a melhores preços.

É importante que os Kaxarari tenham meios de transporte para escoar a produção (veículos e tropas de animais), mais estradas internas e estrada de acesso à BR-364.

### 4. Educação

Uma reivindicação Kaxarari é uma escola na área. O ensino de matemática deveria ser feito de imediato, dadas as relações comerciais dos índios com a sociedade envolvente, enquanto se prepara um programa de educação bilíngue.

### 5. Criação de Posto e Cargo de Enfermeiro

Os Kaxarari reivindicam a criação de um Posto Indígena na área, desde que o chefe do Posto seja um deles. A verba de salário seria dividida entre as várias lideranças e os recursos destinados à área seriam administradas em conjunto.